



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: MÔNICA PRADO
ÁREA: JORNALISMO ESPORTIVO

Esporte local na marca do pênalti
Critérios de noticiabilidade usados no AQUI DF e Correio
Braziliense

Priscila dos Santos Mendes
RA: 20462484

Brasília, maio de 2008

Priscila dos Santos Mendes

Esporte local na marca do pênalti
Critérios de noticiabilidade usados no AQUI DF e Correio
Braziliense

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof . Ms. Mônica Prado

Brasília, maio de 2008

Priscila dos Santos Mendes

Esporte local na marca do pênalti
Critérios de noticiabilidade usados no AQUI DF e Correio
Braziliense

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Ms. Mônica Prado
Orientadora

Prof. Ms. Severino Francisco da Silva Filho
Examinador

Prof. Dr. Sérgio Euclides de Souza
Examinador

Brasília, maio de 2008

Dedicatória

A todos que acreditam na força do esporte como meio de educação, representação e inclusão social.

Agradecimentos

*Primeiramente a Deus, pela força para enfrentar as dificuldades.
Aos meus pais que, pela educação, amor, carinho e o investimento ao longo de minha vida, me permitiram realizar mais um sonho.
À minha irmã, o meu xodó.
Ao meu namorado, pelo amor, amizade e companheirismo.
À minha orientadora, pela paciência e dedicação.
Aos mestres e queridos chefes do Correio Braziliense, em especial, ao Renato Ferraz, pelos ensinamentos e pela oportunidade.
Aos colegas de curso, pelos momentos inesquecíveis.
Aos amigos, Carlos Andrés e Juliana Nogueira, sempre presentes.*

“O pior cego é aquele que só vê a bola”

*Nelson Rodrigues,
jornalista, escritor e dramaturgo*

RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica, análise quantitativa e qualitativa das edições de dezenove a vinte e seis de janeiro de 2008 das editorias de esportes dos veículos AQUI DF e Correio Braziliense e de entrevistas com os respectivos editores Leonardo Meireles e Paulo Rossi sobre o agendamento do esporte local nos jornais. A pesquisa mostra que há uma predominância de matérias nacionais e internacionais em detrimento de notícias esportivas locais, e o maior destaque dado do futebol candango em relação às demais modalidades praticadas na cidade. Os critérios de noticiabilidade usados nas edições estão diretamente ligados às questões comerciais, com objetivo de alcançar maior tiragem e número de leitores. O grau de importância dos eventos e dos atletas locais, que devem ter destaque na esfera nacional, é fundamental para que sejam agendados nos veículos analisados.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo, esporte local, AQUI DF, Correio Braziliense, Agenda-setting.

SUMÁRIO

1	Introdução	8
1.1	Justificativa	10
1.2	Contextualização	11
1.3	Objetivos.....	13
1.3.1	Objetivos gerais.....	13
1.3.2	Objetivos específicos	13
1.4	Hipótese.....	14
2	Esporte local na grande área do Brasil e do mundo.....	14
2.1	Cobertura esportiva: quando o bilhar era notícia	14
2.2	As barreiras do preconceito no país do futebol.....	15
3	Editorias e teorias: o esporte local para escanteio.....	17
3.1	Entra em campo o Correio Braziliense	17
3.2	Esporte é popular: cobertura do AQUI DF	19
3.3	A <i>agenda-setting</i> : o poder do agendamento no ataque	20
4	Metodologia: o esquema tático.....	22
5	Análise da cobertura do esporte local no AQUI DF e Correio Braziliense e entrevista com os editores	24
5.1	Placar das edições	24
5.1.1	AQUI DF.....	24
5.1.2	Correio Braziliense	24
5.1.3	Comparação do placar.....	25
5.2	Bate-bola com os editores	35
5.3	Análise dos resultados.....	40
6	Conclusões e recomendações: o apito final.....	47
6.1	Recomendações e contribuições.....	48
6.2	Limitações.....	49
6.3	Agenda futura: as próximas partidas	49
7	Referências	50
8	Anexos	52
9	Apêndice	65

1 Introdução

Na década de 20, o esporte não era um assunto muito pautado nos jornais internacionais, muito menos no Brasil. E quando isso começou a ocorrer, ao contrário de hoje, não era só o futebol que conquistava espaço na mídia impressa e despertava o interesse nas pessoas. Os veículos cediam espaço aos esportes mais praticados, como por exemplo, a regata, uma das práticas esportivas em alta na época. À medida que as modalidades adquiriam adeptos, a imprensa esportiva dedicava-se à cobertura.

Assim que o esporte começou a tornar-se importante, as colunas esportivas começaram a ganhar novo status, porque pessoas influentes e de classe alta começaram a se interessar pelos esportes e eram elas que apareciam nessas reportagens, o esporte ficava em segundo plano. (GONÇALVES, 2005)

No Brasil, a situação não foi muito diferente no início do século XX, já que o esporte mais praticado era o remo. O futebol ainda estava longe de ser a paixão nacional e o destaque nas páginas dos jornais.

Para reverter esse quadro, o futebol contou com profissionais como o jornalista Mário Rodrigues Filho (1908-1966), irmão de Nelson Rodrigues e fundador do *Jornal dos Sports*, que contribuiu para desenvolvimento da modalidade na década de 1920. Ele exercia influência pessoal na imprensa a favor do esporte, o que foi fundamental para disseminar a construção de uma identidade nacional vinculada ao futebol. Para validá-la, o jornalista mostrava que o esporte era uma das opções de lazer preferidas do povo.

No entanto, como mostra Antunes (2004), mesmo quando o futebol estava em baixa, Mário Filho, por meio do seu trabalho, promovia torneios de natação, boxe, remo e automobilismo, que eram divulgados para os jornais nos quais trabalhou como *A Manhã* e *Jornal dos Sports*.

Hoje, a realidade é outra. Além de o futebol ter se transformado na paixão nacional, não encontramos mais a postura e iniciativas como as de Mário Filho nos profissionais da imprensa esportiva contemporânea. As edições dos jornais, que poderiam apresentar mais matérias sobre outros esportes da cidade, não incentivam freqüentemente o gosto e o apoio a outras modalidades esportivas, assim como fez Mário pelo futebol. Por isso, a importância de identificar quais os critérios usados para o agendamento do esporte local nos jornais, apresentados nesta pesquisa em **Análise dos resultados**.

Considerando a importância da relação entre mídia e sociedade, especialmente em relação aos esportes, mostrar quais os critérios de noticiabilidade, entre outros fatores, que interferem no agendamento do esporte local nos jornais analisados, pode possibilitar uma visão mais crítica sobre a realidade e o contexto em que se insere o esporte brasileiro.

No entanto, para melhor compreensão dos resultados aqui apresentados, decidiu-se abordar, no segundo capítulo, a história do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo, apontando épocas e jornais que davam destaque a outros esportes além do futebol.

Já o terceiro capítulo trata da história dos veículos analisados *Correio Braziliense* e *AQUI DF*, para que o leitor desta monografia leve em consideração o cenário e o contexto em que tais jornais estão inseridos na hora de avaliar os resultados encontrados. Nessa parte, ainda encontra-se a relação entre o objeto de pesquisa e a teoria do *agenda-setting*, escolhida para o embasamento teórico deste trabalho. No quarto capítulo, encontra-se a metodologia e os procedimentos aplicados para a realização da pesquisa.

No quinto capítulo, encontram-se os resultados da análise e comparações das edições dos dias 19 a 26 de janeiro do *Correio Braziliense* e *AQUI DF*, e das entrevistas com os respectivos editores, Paulo Rossi e Leonardo Meireles, que apontam os critérios de noticiabilidade usados para agendar o esporte local.

Os capítulos subsequentes caminham para o encerramento com conclusões, limitações, sugestões de pesquisas futuras, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

1.1 Justificativa

A escolha do tema surgiu do interesse da pesquisadora pela área de jornalismo esportivo, a paixão por Brasília e por acreditar no esporte como um meio de inclusão social, educação e valorização da cidade. Como praticante e atleta de natação há mais de 10 anos, o pouco espaço destinado na mídia impressa da cidade a outras modalidades de esporte, além do futebol, sempre foi uma inquietação e, até mesmo, motivo de indignação. Mesmo sendo torcedora fanática de um time paulista de futebol, a pesquisadora investiu na pesquisa por acreditar veemente que outros esportes da cidade merecem o mesmo destaque e incentivo no “país das chuteiras”.

Os jornais *Correio Braziliense* e *AQUI DF* foram escolhidos como objetos de pesquisa por serem os veículos impressos de maior circulação na capital federal. O *Correio Braziliense*, segundo pesquisa de 2007 do Instituto de pesquisa Ipsos Marplan, alcança 71% de penetração em leitores de jornal do Distrito Federal, sendo voltado para o público A e B, com 752 mil leitores. Já o jornal popular *AQUI DF* possui tiragem de pouco mais 21 mil exemplares diários, com 218 mil leitores e atinge a classe C e D do DF e entorno.

Quanto à mídia escolhida, vale a citação do mestre Severino Francisco da Silva Filho durante uma aula (a pesquisadora não recorda a data) sobre a questão da velocidade da notícia, abordada também por Nelson Rodrigues: “Só sai jornal da véspera, a morte da véspera, a batalha da véspera. O fato do dia não existe, ou só existe para o rádio e para as TVs”.

A suposta desvantagem dos jornais impressos em noticiar eventos esportivos, se comparado à informação que é levada ao ar no rádio ou na televisão, não diminui a força da imprensa, que permite ao leitor o acesso a assuntos abordados de maneira mais aprofundada, ultrapassando a superficialidade das informações divulgadas por outros veículos.

Ao recorrer às anotações de disciplinas ministradas durante o curso de jornalismo, a pesquisadora deparou-se com uma análise do jornalista Alberto Dines, extraída do livro

de sua autoria *O papel do jornal – uma releitura*, fundamental para escolha do jornalismo impresso como objeto de pesquisa. “Depois de se enfiar em casa para ver no vídeo os acontecimentos no mundo, o homem de hoje, no dia seguinte, volta à rua para comprar seu jornal e, assim, entender e aprofundar-se naquilo que viu no pequeno écran”.

Os jornais impressos têm a possibilidade de aprofundar os assuntos esportivos e não precisam, necessariamente, serem reféns do imediatismo. Podem noticiar e aprofundar temas sobre os mais variados esportes, inclusive, sobre assuntos atemporais como, por exemplo, histórias de superação de atletas. E ainda, como o jornal pode ser guardado com facilidade por qualquer pessoa, pode ser lido e relido em outro momento oportuno.

Sendo assim, a imprensa tem o poder de incentivar o gosto da população pelas diferentes modalidades de esportes, além de valorizar os atletas da cidade. Para justificar a escolha, recorrendo novamente aos apontamentos de Alberto Dines, o jornal é considerado “a memória da sociedade”, sem minimizar a importância de outros meios.

1.2 Contextualização

O jornalismo esportivo busca apoio no gosto do brasileiro, que todo mundo está cansado de saber qual é. A esmagadora maioria brasileira que acompanham esporte pela mídia prefere futebol (81%), segundo pesquisa nacional do Instituto Ipsos Marplan, encomendada pelo canal SporTV, que ouviu cerca de 2,3 mil pessoas em nove capitais brasileiras, realizada no período de setembro de 2005 a 6 de junho de 2006. Além da população, também foram ouvidos representantes da comunidade acadêmica, atletas, instituições governamentais e profissionais ligados ao esporte. Apesar de serem dados referentes à televisão, é possível conhecer as preferências do brasileiro em relação a esportes em geral, independente da região ou de mídia.

A mesma pesquisa, chamada de *Dossiê do Esporte*, ainda aponta que 27%, maior índice do país na pesquisa, dos brasileiros pratica esportes sempre; 38% regularmente; 23% raramente; 12% nunca pratica esportes. O subeditor do caderno de esportes do *Correio Braziliense*, José Cruz, mostra em sua coluna *Fenômeno Mundial*

no dia 2 de fevereiro de 2007, que o futebol, a caminhada, o vôlei, o ciclismo e a corrida de rua, nessa ordem, são as modalidades preferidas dos brasilienses. No entanto, não recebem o mesmo destaque nas edições dado ao futebol.

“Quem não gosta de futebol (tem isso?) reclama muito. Sente-se saturado pelo volume de informações sobre times, jogadores, cartolas e corrupção (isso tem, com certeza). Muitos leitores escrevem ou telefonam pedindo mais espaço para modalidades fora do mundo da bola. Mas é o futebol que domina o interesse da maioria dos torcedores”. É o que afirma José Cruz no início da coluna. Os editores justificam as edições repletas de matérias sobre o futebol local e a ausência de outras modalidades pela falta de interesse do leitor brasiliense. Mas, vale lembrar que foi a própria mídia que motivou o interesse do público pelo futebol, com o apoio e incentivo de jornalistas, como Mário Filho.

Mário Filho transformou a notícia em fato esportivo, acrescentando-lhe dramatismo, aproximando o torcedor do jogador e da vida do clube e favorecendo, assim, os processos de identificação. Para Nelson Rodrigues, a entrevista com o ex-goleiro do Fluminense representara um marco no jornalismo esportivo brasileiro. Depois dela, este não seria mais o mesmo. (ANTUNES, 2004, p.125)

A entrevista à qual se refere Antunes foi feita por Nelson Rodrigues com o goleiro do Fluminense Marcos de Medonça em 1928, para o jornal *A Manhã*. Com o tratamento jornalístico e vibrante que o jornalista dava para assuntos do futebol, o leitor que não ia ao estádio, podia se informar por meio dos jornais. Desta forma, a mídia ajudou a despertar o interesse pelo esporte.

A partir de iniciativas como essas, a popularização do futebol foi inevitável e os jornais passaram a dedicar um maior espaço a ele em detrimento das demais modalidades. Com o tempo, a mídia tornou o futebol uma paixão nacional, um produto para alcançar o interesse de um número maior de leitores e, conseqüentemente, vender mais exemplares.

Essa visão mercantilista, proposta por teóricos da comunicação, está ainda mais presente atualmente. Leonardo Meireles, editor do *AQUI DF*, afirma que o destaque dado ao futebol é atribuído ao interesse dos leitores, mas confirma o mercantilismo no

jornalismo. “Quando damos notícias sobre o Flamengo é o dia em que o jornal mais é vendido”. Segundo pesquisa CNT/Sensus, divulgada no ano passado, o time rubro-negro tem a maior torcida do Brasil com 14,4%. O segundo é o Corinthians com 10,5%, seguido do São Paulo com 8%. A pesquisa foi realizada com times que disputam a série A do Campeonato Brasileiro.

Antes de considerar os resultados da pesquisa ainda é importante apontar que, em Brasília, há pessoas de todos os estados como mostra os últimos números da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD), de 2006. A maioria é formada por brasilienses nascidos na cidade, mas são 212 mil mineiros, 179 mil goianos, 137 mil baianos, 134 mil piauienses, 124 mil pernambucanos, entre outros estados. Por isso, é imprescindível levar em consideração o interesse do público local sobre notícias nacionais, como por exemplo, referentes a times de futebol de outros estados.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Verificar quais critérios de noticiabilidade usados para agendar o esporte local no *AQUI DF* e *Correio Braziliense*.

1.3.2 Objetivos específicos

- * Identificar as justificativas dos editores, e fatores que influenciam o agendamento do esporte local nos veículos analisados.
- * Identificar o espaço destinado às matérias de esporte local.

1.4 Hipótese

- * Os editores não incentivam o esporte local, com uma maior cobertura, em detrimento das pesquisas sobre as preferências dos leitores, priorizando o caráter comercial.

2 Esporte local na grande área do Brasil e do mundo

2.1 Cobertura esportiva mundial: quando o bilhar era notícia

Os jornais foram os pioneiros na cobertura de esportes. A Itália lançou o primeiro diário exclusivo de esportes em 1927 (COELHO, 2004). Época em que modalidades como natação, pesca, boxe e até bilhar eram noticiados e o futebol, ao contrário do que ocorre hoje, eram jogadas para escanteio. De acordo com Michelli Cristina Andrade Gonçalves (2005), os primeiros registros de notícias de esportes são do *Le Sport* (1854), que publicava crônicas sobre haras, turfe, caça, natação, pesca, boxe, bilhar e outros esportes.

A primeira área esportiva a receber cobertura mais elaborada dos veículos impressos foi o hipismo, em meados do século XIX, na França. A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 1997)

O esporte, em geral, só começou a tornar-se algo importante quando as colunas esportivas conquistaram *status* porque pessoas influentes das classes de maior poder aquisitivo passaram a se interessar pelas modalidades esportivas e eram elas que apareciam nas matérias; o esporte sempre ficava em segundo plano.

(...) Antes de 1939, havia a crônica esportiva e não um jornalismo organizado de cobertura de eventos. O primeiro órgão esportivo teria sido *Bell's Life*, inglês, depois chamado de *Sporting Life*. E, nos Estados Unidos, a imprensa esportiva só começou a destacar-se nos anos 20 deste século". (FONSECA, 1997)

O futebol só conseguiu despertar o interesse das pessoas quando a imprensa permitiu que se falasse desse esporte nos veículos de comunicação mesmo que em espaços reduzidos nas colunas. A mídia desempenhou um papel fundamental para que o futebol ganhasse a importância que tem hoje.

A prática esportiva que atualmente consideramos a paixão nacional sempre foi considerada “pobre” e sofreu preconceito da imprensa. Isso porque o esporte era praticado por camadas pobres da população e estava longe de ser a preferência da elite. No entanto, o quadro começou a reverter-se graças a um nobre francês chamado Barão Pierre de Coubertini que tomou a iniciativa de fazer ressurgir a idéia de “união entre os povos”, segundo Michelli Cristina de Andrade Gonçalves (2005).

2.2 As barreiras do preconceito no país do futebol

Segundo Paulo Vinícius Coelho (2004) em *Jornalismo Esportivo*, nenhum palpite de comentaristas antes da Copa do Mundo de 2002 foi tão furado quanto o do escritor Graciliano Ramos, no início do século XX. Ele estava certo de que o jogo dos ingleses, o futebol, não conquistaria os brasileiros. E não era só o escritor alagoano.

Pouca gente acreditava que o futebol pudesse ganhar as capas dos jornais. Aliás, nem mesmo o remo, o esporte mais praticado na época, jamais estamparia as primeiras páginas. Nem mesmo quem vivia de escrever para os cadernos especializados, no meio do século XX, acreditava no esporte. Coelho (2004) cita que o jornalista João Saldanha fez uma previsão no final dos anos 60 de que a revista *Placar* nunca sairia dos primeiros números. Mal poderia imaginar o sucesso da revista.

A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas do jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia (...) (COELHO, 2004)

O apito inicial para a cobertura esportiva no Brasil começou mais cedo que as previsões de Saldanha. Em 1910, na cidade de São Paulo, o jornal *Fanfulla* já divulgava páginas de esportes voltadas para um público numeroso: os italianos.

No início do século XX, o maior destaque aos esportes era dado pela imprensa carioca. O Rio de Janeiro liderou o ranking dos jornais que cedia mais espaço, em especial, ao futebol. E foi assim, lutando contra o preconceito de que só os leitores com menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores de diários de esportes, que os jornais e revistas foram surgindo e desaparecendo com os passar dos anos.

No entanto, o preconceito contra o esporte vem de muito tempo. Ainda na década de 20, o *Correio Paulistano* apresentava ao leitor apenas uma coluna com matérias curtas sobre futebol, esporte que só ganhou mesmo “os relatos apaixonados em espaço cada dia maiores”, como menciona Coelho (2004), na década de 40. No final dos anos 60, surgiu a revista *Placar*, exclusivamente dedicada ao futebol.

À medida que os veículos perceberam que os leitores se interessavam por esportes começaram a atender os gostos do público. Mas, ao contrário do início do jornalismo esportivo, época em que outros esportes tiveram até mais espaço que o futebol, atualmente esse quadro reverteu-se ao longo do tempo, assim como a maneira de se fazer jornalismo esportivo no Brasil. Os espaços foram se abrindo à medida que os jornais atentaram-se às necessidades e vontades dos leitores. Com a diferença de que, hoje, nem todos os esportes tem o mesmo destaque que o futebol. Os jornais *Correio Braziliense* e *AQUI DF*, por exemplo, destinam grande parte da cobertura do esporte local para o futebol.

3 Editorias e teorias: o esporte local para escanteio

3.1. Entra em campo o Correio Braziliense

Brasília é uma das poucas cidades que já nasceu com um jornal consagrado e aceito pela população. A história do *Correio Braziliense* começou mesmo em 1808, em Londres, quando o jornal começou a circular pela primeira vez, sob a direção de Hipólito José da Costa que editava o jornal na Inglaterra, na época do exílio, para libertar o Brasil de Portugal. O jornalista Assis Chateaubriand teve a idéia de batizar o nome do extinto *Correio*. Procurou os herdeiros do fundador em Londres e com autorização, lançou o jornal brasileiro *Correio Braziliense* no dia 21 de abril de 1960

Tanto a capital federal como o jornal nasceram de promessas. Juscelino Kubitschek prometeu construir Brasília em tempo recorde; já o então embaixador brasileiro em Londres, jornalista Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, dizia que se, JK inaugurasse a cidade, no mesmo dia fundaria um jornal dos Diários Associados. Ele ainda deixou claro que queria construir uma emissora de televisão. Em janeiro de 1960, começaram as obras da *TV Brasília*, ao mesmo tempo em que se fazia o desmatamento da área que viria a ser o *Correio Braziliense*.

Vale ressaltar que o lançamento da pedra fundamental do jornal ocorreu antes disso, em setembro de 1959, sem a presença do dono dos Diários Associados, que ainda não acreditava que a promessa viraria realidade. O fato é que no dia 21 de abril, a primeira dama Sarah Kubitschek inaugurou o *Correio Braziliense* e a *TV Brasília*. O jornal circulou com 96 páginas e 30 mil exemplares e, a televisão transmitiu o evento de lançamento.

O principal jornal da capital sempre teve o desafio de ir além da liderança regional e se tornar referência nacional. Com diferenciação mercadológica, que prioriza a qualidade editorial com amplas coberturas jornalísticas, o jornal conseguiu realizar o desafio. Segundo matéria de Miriam Mazzi, de agosto de 97, a conquista do Prêmio Colunistas Brasil 96/97, oferecido pela Associação Brasileira dos Colunistas de

Marketing e Propaganda (Abracomp) foi fundamental para mostrar que a estratégia de mercado daria certo.

Muito além de vender a imagem do jornal, a tática de atrair os anunciantes para que eles investissem na cidade contribuiu para que o jornal se tornasse referência e desbancasse qualquer concorrência. No entanto, o maior desafio, segundo a matéria *Referência Nacional* era “*Como ser um veículo de referência nacional sem perder o foco no mercado local?*”. Na época, o diretor executivo, João Augusto Cabral de Araújo disse que o jeito era investir na qualificação do produto. Foi o que o *Correio* fez, investindo, por exemplo, em grandes reportagens e coberturas mais densas.

O bom desempenho do veículo se deu com o propósito de participar ativamente dos eventos que acontecia na cidade. Em 1996, por exemplo, o jornal cobriu as comemorações dos aniversários de Brasília e do próprio *Correio* que, na ocasião, realizou a Maratona de Brasília. O evento reuniu renomados atletas brasileiros e estrangeiros, e mais de mil brasilienses.

Ainda no mesmo ano, o jornal anunciou uma reforma editorial e venda de espaços publicitários. E para tornar-se referência, passou a ser o único diário brasileiro que abria o noticiário com matérias internacionais. Outro diferencial do veículo seria o posicionamento em relação aos assuntos, para agregar valores às matérias, como disse o diretor executivo, João Augusto de Araújo, na matéria *Referência Nacional*.

Outro objetivo que o jornal sempre buscou foi conquistar novos mercados. A maioria do público-leitor sempre foi composta pelas classes sociais A e B. Mas com o crescimento de cidades como Taguatinga, Ceilândia e Samambaia na época, o jornal aproveitou as mudanças na cidade para atingir os consumidores das classes C e D com poder de compra.

A partir do dia 6 de abril de 2003, o *Correio* passou por uma reforma. As editorias passaram a ter espaços pré-determinados e o número de páginas foi fixado, ampliando a quantidade de informação. O caderno de Esportes passou a vir na segunda página do caderno junto à editoria de Cidades. As notícias da editoria de Política vinham a partir da página 2. E na seqüência, notícias das editorias de Economia e Brasil, fechando o bloco com notícias das editorias de Opinião e Mundo, semelhante à organização atual do jornal.

Nessa época, o *Correio* passou a oferecer novos produtos como a *Revista D*, uma publicação aos domingos com 32 páginas, todas coloridas. O produto buscava tratar de assuntos gerais, com foco no estilo de vida e nos hábitos dos brasilienses.

Foi nessa onda de inovações e investimentos que o leitor de esportes do jornal ganhou, às segundas, um caderno extra de Esporte, formato tablóide, com 16 páginas totalmente coloridas. Uma forma de atender a uma antiga reivindicação de ampliar o espaço destinado à cobertura esportiva. Segundo o editor Paulo Rossi, o caderno extra se extinguiu porque foi ampliado o número de páginas diárias. Atualmente, são oito páginas, que substituem o espaço do antigo tablóide. Na época, o futebol ganhou ampla cobertura e notícias de grandes times brasileiros tiveram destaque garantido. Mas outras modalidades também tiveram seu espaço.

3.2 Esporte é popular: cobertura no AQUI DF

Com a proposta de oferecer notícias rápidas e completas, por um preço acessível e com promoções aos leitores, o *AQUI DF* começou a circular no Distrito Federal no dia 13 de março de 2006. Mais um produto desenvolvido com a sustentação do grupo Associados, que na capital federal reúne *Correio Braziliense*, *105 FM* e *Rádio Planalto*.

Antes de montar a equipe e a estrutura do jornal, uma pesquisa foi realizada pelo grupo Data Score para revelar o público-alvo do jornal e possíveis anunciantes. Com base nos dados, foi definido o compromisso do *AQUI*: o de “estar em sintonia com aquilo que o público quer”, conforme mencionado na matéria *Um novo jornal para o DF*, publicada no *Correio Braziliense* no dia 8 de março de 2006.

Segundo a pesquisa, a classe C do DF é crítica e tem forte ligação com a comunidade local. Por isso, o compromisso do jornal é dedicar-se às notícias e serviços da cidade, mas sem esquecer a cobertura nacional e até internacional, seja na área esportiva, artística, política ou econômica. Além disso, o projeto contempla interatividade com leitor por meio de canais de comunicação (telefone, fax, internet) e possibilidade de publicação de textos, reclamações e sugestões. No entanto, não há um espaço para publicação de textos ou sugestões na parte de esportes, o que poderia ser um canal para veiculação de notícias de esportes da cidade.

O *AQUI*, jornal popular no formato tablóide, é formado por seções de Cidades, Polícia, Geral (que engloba notícias de política, economia e internacional), Lazer & Cia e Esportes. O jornal conta com 24 páginas de terça-feira a domingo, e 32 páginas na segunda-feira. A equipe é formada pelo editor Leonardo Meireles, quatro subeditores e três repórteres voltados para a cobertura apenas de Cidades.

Vale lembrar que o jornal *AQUI* teve seu início em outubro de 2005, em Belo Horizonte, comandado pela editora Liliane Corrêa. O *AQUI Grande BH* partiu da tiragem de 20 mil exemplares para mais de 50 mil em cerca de três meses. O projeto pioneiro partiu da estrutura das notícias produzidas pelos jornais *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, ambos do grupo Associados. É o caso do *AQUI DF*, que conta com a estrutura do *Correio Braziliense* e das matérias produzidas por este.

3.4 Agenda-setting: o poder do agendamento no ataque

Diferentemente do que se acreditava há algum tempo, quando se pensava que a mensagem emitida pelo emissor atingia o receptor no mesmo momento em que este a recebia, hoje acredita-se que os efeitos da mídia se dão de forma acumulativa, com conseqüências a longo prazo. (WOLF, 2001).

A hipótese de *agenda-setting*, criada por McCombs e Shaw (EUA) na década de 70, surgiu em um período de transição e de modificação dos estudos dos meios de comunicação de massa em relação aos efeitos da mídia sobre as pessoas e o tempo que eles levavam para surtir efeito no público. A teoria defendia que:

em conseqüência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW, apud WOLF, 2003, p.143)

Vale ressaltar que *Agenda setting* trata-se de uma hipótese, um sistema aberto, inacabado, e não uma teoria, um sistema fechado, segundo Antonio Hohlfeldt no livro *Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências* (2001). “Uma hipótese é sempre uma experiência, um caminho a ser comprovado e que, se eventualmente não der certo naquela situação específica, não invalida a perspectiva teórica”. (HOHLFELDT, 2001)

Felipe Pena (2005) defende a idéia de que os consumidores de notícias consideram mais importantes os assuntos veiculados pela mídia e, desta forma, agendam suas conversas diárias, de acordo com que a mídia pauta. De acordo com a teoria, na perspectiva de Walter Lippmann – que antecipou em cinqüenta anos a teoria do agendamento no livro *Public Opinion* -, a imprensa molda o conhecimento dos indivíduos sobre o mundo, usando estereótipos de forma simplificada e distorcida para compreender a realidade.

Mas a hipótese não sustenta a idéia de que a mídia tenta manipular e persuadir o público. A questão fundamental é que a compreensão das pessoas em relação à realidade social é modificada pelos meios de comunicação de massa. (WOLF, 2001). Essa construção da realidade social é exercida por meio dos editores entrevistados, dos editores de capa, dentre outros profissionais, e da própria credibilidade dos veículos de comunicação estudados, os jornais *Correio Braziliense* e *AQUI DF*, porque eles têm a responsabilidade de selecionar e classificar as informações por ordem de importância que consideram. “A hipótese da agenda-setting não defende que a imprensa tende a persuadir. A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional das empresas de comunicação, com sua cultura própria e critérios de noticiabilidade”. (PENA, 2005).

Isso não quer dizer que a influência da mídia se dá sem a participação do público como se fosse uma espécie de camisa de força. Na verdade, é preciso levar em consideração que a formulação de uma agenda pública é resultado de algo muito mais complexo que a simples estruturação de uma ordem do dia de temas e problemas por parte da mídia. “A *agenda-setting* reconhece a importância dos contatos interpessoais ao determinar o impacto definitivo do conteúdo da mídia no público. A *agenda-setting* usa os fatores interpessoais para ajudar a explicar as condições nas quais os efeitos de

agenda-setting são mais pronunciados. (SHAW, apud WOLF, 2003, p. 152). Levando isso em consideração, é certo o poder que a mídia tem de agendar temas para os leitores no dia-a-dia, mas isso não quer dizer que eles pensam, necessariamente, igual ao formato sugerido pela mídia.

4 Metodologia: o esquema tático

A pesquisadora, leitora assídua do caderno de esportes dos jornais analisados, há tempos identificou o menor espaço dado ao esporte local pelos jornais em relação às notícias nacionais e internacionais. No entanto, para constatar o espaço destinado ao esporte local, foi necessário fazer uma tabela de dados. Primeiramente, delimitou-se o período analisado que compreendeu de 19 a 26 de janeiro. A data foi escolhida porque no dia 19 foi realizada a primeira partida pelo Campeonato Candango de Futebol.

Segundo Laville & Dionne (1999, p. 199), a preparação de dados comporta três operações principais: codificação, transferência e verificação. Na codificação, ordenaram-se os critérios a serem identificados na tabela de dados como tamanho da foto, do texto, a presença ou ausência de infografia, dentre outras categorias, justificadas em função da natureza da observação e das intenções da pesquisa.

Os dados estatísticos têm um poder limitado por serem desprovidos de um poder explicativo (DIONNE, 1999); por isso, os dados nesta pesquisa foram descritos e depois analisados, separadamente, seguindo a segunda etapa de preparação dos dados, a transferência.

A análise quantitativa foi escolhida apenas para embasar o argumento de que o esporte local tem pouco espaço em relação aos demais. No entanto, como esse não é o único foco deste trabalho, que consiste em identificar os critérios de noticiabilidade usados pelos editores, não foram desenvolvidos sofisticados índices, por exemplo, com uso de *softwares*.

Por intermédio dos números, é possível identificar uma parte da significação do conteúdo por meio de freqüências e outros índices (DIONNE, 1999), mas somente com eles, outros fatores e dados subjetivos poderiam ficar de fora da análise. Para isso,

foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os editores. A entrevista semi-estruturada, segundo Laville & Dionne (1999, p. 188), consiste em uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.

Desta forma, as entrevistas transcorreram como um bate-papo que permitiu um maior conhecimento das rotinas de trabalho dos editores e do perfil profissional de cada um. Além de perguntas relacionadas com os processos de edição, foram acrescentadas perguntas de caráter pessoal a fim de que a pesquisadora pudesse elaborar um perfil com gostos e preferências dos profissionais. Vale ressaltar que, antes da realização das entrevistas, as questões foram aplicadas a outros profissionais, editores e subeditores do *Correio Braziliense*, para que eles pudessem identificar se as perguntas eram claras e objetivas, a título de testar o roteiro da entrevista.

A maneira de proceder com as entrevistas é bem menos codificada do que a abordagem com dados estatísticos. Mas isso não significa que a análise seja subjetiva. Durante a análise das entrevistas e dos resultados, a pesquisadora buscou a objetividade através da transparência do procedimento.

A primeira etapa foi a transcrição das entrevistas. Com o texto transcrito em mãos, a gravação foi ouvida mais de uma vez para conferir as mudanças de entonações e interjeições dos entrevistados para reavaliar os rumos das análises. Cada pergunta e resposta dos editores foram analisadas separadamente e depois foram comparadas a fim de contrapor os métodos de edição usados pelos editores. Com as articulações das entrevistas, foi possível em um primeiro instante formular hipóteses explicativas sobre o universo estudado.

Portanto, a análise dos resultados só foi possível após a ordenação das descrições e análises das tabelas e entrevistas com editores. O material foi posteriormente relacionado com as referências teóricas e conceituais. Esse procedimento ajudou a pesquisadora a compreender, de forma objetiva e fidedigna, a lógica do processo de edição dos editores e o modo como os entrevistados lidam com os problemas de agendamento diariamente.

5 Análise da cobertura do esporte local no AQUI DF e Correio Braziliense e entrevista com os editores

5.1 Placar das edições

5.1.2 AQUI DF

A edição do dia 19 de janeiro do AQUI DF foi composta por três notícias sobre esporte local contra 13 nacionais e oito internacionais, totalizando 24. Nenhuma foi chamada de capa do jornal. O esporte local foi representado por duas notas sobre basquete e natação, de no máximo cinco linhas: *Universo vence longe da capital e Julgamento de Rebeca em março*. Não apresentaram fotos ou sutiã e estavam localizadas na parte inferior da página. A única matéria da edição foi sobre o início do campeonato de futebol local, o Candangão, com o título *Jacaré nas cabeças* e um espaço de 17x20 centímetros (largura/altura). Contou com foto creditada pelo fotógrafo do Correio Braziliense, mas sem assinatura de repórter.

No dia 20 de janeiro, a edição apresentou apenas uma matéria, sendo sobre o futebol local, contra 12 matérias nacionais e nove internacionais, totalizando 22. A matéria foi chamada de capa *Jacaré contra a reca* com foto de corpo do jogador Júnior Baiano, do Brasiliense Futebol Clube Taguatinga, e crédito do fotógrafo Cadu Gomes, do *Correio Braziliense*. Na página 18, a matéria *Um contra todos* teve um amplo espaço (quase página inteira), com foto pequena e crédito do mesmo fotógrafo da capa, além de tabela de jogos e escalação dos times. **(Tabela A – Anexos)**

Em 21 de janeiro, foram duas matérias locais, ambas sobre futebol, contra 11 nacionais e oito internacionais, em um total de 21 notícias. *Quanto desperdício*, matéria que fala sobre as rodadas do Candangão, foi chamada de capa com o título *Jacaré e Legião largam na frente no Candangão*, sem sutiã e sem foto. Dentro da edição, contou com a foto do jogador Adrianinho, do Brasiliense, crédito de Edílson Rodrigues, da equipe do *Correio Braziliense*. A matéria contou com escalação dos times e não foi assinada. A segunda matéria da edição *Legião leva 2.350 seguidores* não foi chamada de capa, não foi assinada e nem contou com foto dentro do caderno. Trouxe escalação dos times.

No dia 22 de janeiro, a edição não apresentou nenhuma matéria local, contra 13 nacionais e seis internacionais, em um total de 19. A ausência de matérias locais se repetiu no dia 23, que trouxe 14 notícias nacionais e seis internacionais, total de 20. No dia 24 janeiro, a situação continuou: nenhuma notícia sobre esportes da cidade, 13 nacionais e cinco internacionais, total de 18.

O quadro mudou no dia 25. A edição trouxe uma matéria local, sobre futebol: *Veterano aos 28 anos*. Não foi chamada de capa. Contou com foto do jogador Índio, da Sociedade Esportiva do Gama, crédito de Cadu Gomes, do *Correio Braziliense*. Sem assinatura e escalação dos times.

No dia 26, a edição apresentou duas notícias sobre esporte local, 15 nacionais e seis internacionais, totalizando 23. A primeira foi chamada de capa com o título *A realidade candanga e sutiã, Jogadores do Jacaré, como o experiente zagueiro Júnior Baiano, fazem o reconhecimento no péssimo gramado da Metropolitana e dizem que dá para jogar com o Dom Pedro, amanhã*. Foto de Cadu Gomes, do *Correio Braziliense*. Dentro do caderno, matéria *Podia ser pior* contou com foto de tamanho médio do jogador Dimba, do Brasiliense, crédito do mesmo fotógrafo da capa. Sem assinatura e elementos gráficos. A edição ainda trouxe uma nota sobre Marílson Gomes dos Santos, que venceu o 11º Troféu Cidade de São Paulo de atletismo.

5.1.3 Correio Braziliense

No dia 19 de janeiro, o *Correio Braziliense* (CB) apresentou duas notícias sobre esporte local contra seis nacionais e duas internacionais, total de 10. Nenhuma foi chamada de capa do jornal e do caderno. Com o título e sutiã, a matéria *Jacaré na cabeça* teve um amplo espaço total (foto, texto e elementos gráficos) de 21,5 x 27 centímetros (largura / comprimento), sendo 10,5 x 11,5 centímetros de foto de arquivo do fotógrafo José Varella, da equipe CB. Contou com assinatura do repórter Roberto Naves e apresentou um quadro com características dos times que disputaram o Candangão. A outra notícia foi uma nota sobre tênis com título *Brasiliense está na final em Cáli*, disposta na parte inferior da página 34, sem foto e com tamanho 7x9 centímetros (largura/ altura).

A edição dia 20 é uma das que trazem mais matérias sobre o esporte local: foram quatro, contra seis nacionais e uma internacional, total de 11 notícias. Nenhuma foi chamada de capa e caderno. No entanto, *Da seleção para a legião* ganhou página inteira da contracapa. Com sutiã, título, texto, fotos e elementos gráficos, o espaço foi de 30 x 54 centímetros (largura x comprimento). Foram quatro fotos de arquivo pessoal de 8 x 4 centímetros (largura x comprimento) e ainda um quadro *Para saber mais*. A matéria que fala sobre vôlei foi assinada por Luis Roberto Magalhães. A edição também contou com duas matérias de futebol. A primeira *Todos contra um*, que fala dos concorrentes que enfrentaram o pentacampeão do Candangão, o Brasiliense, contou com um espaço de 21,5 x 39,5 centímetros (largura x comprimento). Sendo que a foto de Cadu Gomes/CB representa 10,5 x 15 centímetros (largura x comprimento). Há ainda elementos gráficos como escalação e esquema tático dos times e serviço com os horários e locais dos jogos. Assinatura de Roberto Naves e Daniel Brito. A segunda matéria de futebol, *Boca livre no Mané Garrincha*, contou com espaço de 22,5 x 16 centímetros (largura/ comprimento), mas sem foto e assinatura. Trouxe apenas escalação, esquema tático dos times e serviço dos jogos. A outra notícia sobre tênis foi uma nota de 7 x 8,5 centímetros (largura/ comprimento) com o título *Candangão bicampeão na Colômbia*. A nota fala sobre um tenista brasileiro.

No dia seguinte, foram duas notícias locais contra nove nacionais e uma internacional, em um total de 12. Uma das duas matérias foi chamada de capa: *Legião de fãs e boa média de público no DF*. Ainda contou com sutiã e foto pequena de Edilson Rodrigues, da equipe do CB. Dentro da edição, a matéria contou com título *Legião afinado no Mané* e não foi capa do caderno de esportes. Contou com um espaço de 29,5 x 20 centímetros (largura/comprimento), duas fotos de Edilson Rodrigues, assinatura de Fernando Braga e ainda escalação dos times. A outra matéria, também sobre futebol, teve mais espaço que a foi chamada de capa do jornal: 29,5 x 30 centímetros (largura/ comprimento). *Sufoco dos grandes*, que fala da rodada do Candangão, contou com foto de 11,5 x 16,5 centímetros (largura/comprimento), também de Edilson Rodrigues, assinatura de Daniel Brito e Roberto Naves, escalação dos times e tabela com os próximos jogos.

No dia 22, as matérias sobre esporte local não foram chamadas de capa, mas foram do caderno. Somaram quatro locais, cinco nacionais, três internacionais, total de 12 notícias. A principal notícia do caderno foi *Início perfeito com o sutiã Revelação do esporte candango, Pedro Dumont conquista na Colômbia o primeiro título internacional logo no primeiro ano do torneio. Agora, vai em busca do segundo troféu, no Equador*. Contou com um espaço de 29 x 27,5 centímetros (largura/comprimento), foto de Paulo Henrique Carvalho (CB) do dia 8 de setembro de 2007 e assinatura de Luiz Roberto Magalhães. A segunda matéria da capa do caderno foi *Mudança de rota*, sobre atletismo. Foto um pouco menor que a principal, com 29 x 16,5 centímetros (largura/comprimento), e crédito de Luludi, da agência Luz, especial para o CB do dia 24 de junho de 2007. A única matéria de futebol da edição foi *Boletim disciplinar*, sobre o Candangão. Espaço de 21 x 30 centímetros (largura/comprimento) e foto de arquivo de Ronaldo de Oliveira, do dia 5 de janeiro de 2008. A matéria, assinada por Roberto Naves, contou ainda com classificação e jogos da rodada do campeonato. A edição trouxe ainda uma nota de basquete, *Universo joga na sexta-feira*, com 7 x 9,5 centímetros (largura x comprimento).

No dia 23 de janeiro, a edição apresentou três notícias locais, sete nacionais e duas internacionais, em um total de 12. *Cavaleiros do futuro*, sobre hipismo, foi o destaque com 29,5 x 31,5 centímetros (largura/comprimento), sendo 23,5 x 16,5 de fotografia creditada por Paulo de Araújo (CB). Matéria assinada por Eneila Reis. A única matéria de futebol local foi *Medo do alçapão*, de Daniel Brito. A notícia sobre o time Brasiliense contou com 21,5 x 33,5 centímetros (largura/comprimento) e foto de arquivo com 21,5 x 14, de Carlos Vieira (CB), do dia 15 de janeiro de 2008. Já a matéria de 21,5 x 32 foi assinada pela redação e a foto creditada por Silvestre Gorgulho/GDF.

No dia 24, a matéria sobre natação *Dupla chance* não foi chamada de capa, mas do caderno. Com ela, foram três locais, oito nacionais e duas internacionais, em um total de 13. A notícia sobre a nadadora brasiliense Tatiana Lemos Barbosa, assinada por Eneila Reis, contou com 24 x 18 centímetros (largura/comprimento), sendo 7 x 9 da foto de arquivo de Paulo de Araújo, do dia 9 de janeiro de 2008. Já *Invasão de domicílio* de Roberto Naves, que fala sobre o desempenho do Brasiliense, contou com um maior espaço de foto com 15,5 x 14,5 centímetros (largura/comprimento), total de 21,5 x 32.

Foto de arquivo de Carlos Vieira (CB), do dia 15 de janeiro de 2008. A única nota sobre esporte local foi *ABC empossa nova diretoria*, sem foto, com espaço de 7 x 5,5 centímetros (largura/comprimento).

No dia 25, nenhuma matéria foi chamada de capa e do caderno, sendo quatro locais, cinco nacionais e três internacionais, um total de 12 notícias. A de maior destaque foi *Presente de grego*, que foi contou com um bom espaço, 29,5 x 25 centímetros (largura x comprimento), sendo 20 x 22 só de uma foto do jogador Índio (Gama), creditada por Cadu Gomes (CB). *Adeus a Dora Bria*, repercussão em Brasília sobre a morte da windsurferista, teve um espaço menor, com 19,5 x 25 centímetros (largura/ comprimento) e com foto de 13,5 x 9, crédito de Henrique Esteves (Agência Estado). Matéria assinada pela redação. Já *Taça Brasília em fevereiro*, que fala do futsal de Brasília, rendeu uma nota na parte inferior da página, com 6,5 x 5 centímetros (largura/comprimento). *Clube naval inaugura quadras*, referente ao novo espaço para práticas de tênis em um clube da cidade, também não teve destaque, com uma nota no meio da página de 7 x 7,5 centímetros (largura/comprimento).

No dia 26 de janeiro, último dia de análise, o *Correio Braziliense* apresentou quatro notícias locais, seis nacionais e três internacionais, em total de 13. Nenhuma das matérias foi chamada de capa do jornal ou do caderno. A de maior destaque foi *Missão diplomática*, de Daniel Brito, que fala sobre o Brasiliense e as rodadas do Candangão. Contou com um bom espaço, 21,5 x 33,5 centímetros (largura/comprimento) que, incluiu 10,5 x 16,5 cm de uma foto do gramado do estádio da Metropolitana, do fotógrafo Cadu Gomes (CB), e ainda elementos gráficos como serviços com os jogos da rodada e esquema tático dos times. *Cofres abertos*, matéria sobre política esportiva, de Roberto Naves, contou com espaço na parte inferior da página e com espaço de 21,5 x 15,5 centímetros (largura/comprimento) e foto, 9,5 x 7, do governador José Roberto Arruda e do subsecretário do governo local, Fábio Simão, também no comando da Federação Brasiliense de Futebol (FBF). Crédito de Cadu Gomes (CB). As outras duas notícias renderam nota, como *Universo enfrenta o Uberlândia*, sobre o time de basquete da cidade, que na parte da inferior da página contou com 6,5 x 7,5 centímetros (largura/comprimento). E *Marílson vence prova em São Paulo*, também na parte de baixo da página, com 6,5 x 8,5 de espaço.

5.1.4 Comparação do placar: análise dos resultados

No dia 19 de janeiro, *Jacaré na cabeça*, que fala sobre o favoritismo do Brasiliense no campeonato Candango, foi a única matéria tanto do *Correio Braziliense* como do *AQUI DF*. A primeira partida do Candangão foi Legião Futebol Clube versus Esportivo do Guará, no estádio Mané Garrincha, mas ambos os times contaram com menos espaço e destaque que o Brasiliense. Embora a matéria faça uma apresentação de todos os times participantes do campeonato, notou-se um destaque maior ao favorito Brasiliense Futebol Clube de Taguatinga cujo dirigente é o ex-senador Luiz Estevão. Vale lembrar que o time é pentacampeão consecutivo do Campeonato Brasiliense de Futebol. Além disso, o Jacaré e o Gama são os únicos times da cidade que já estiveram na elite do futebol, série A do Campeonato Brasileiro. O primeiro em 2005 e o segundo em 1999. Em ambos os jornais, a foto de arquivo é creditada pelo fotógrafo José Varella, da equipe do *Correio*, mas só no CB a matéria é assinada por Roberto Naves. Isso permite dizer que a notícia publicada no *AQUI DF* foi retirada do *Correio Braziliense*, já que apenas este jornal conta com equipe de reportagem para cobertura de esportes. Apesar do *AQUI DF* ter autonomia para noticiar as matérias produzidas pela equipe do *Correio*, os jornais têm critérios de edição diferentes que serão ressaltados posteriormente em **Bate- bola com os editores**.

A outra notícia do *Correio* sobre esporte local foi sobre o brasiliense Pedro Dumont, “revelação do tênis candango”, resultou em uma nota de exatas 18 linhas. No dia anterior, ele derrotara um adversário japonês e conquistara uma vaga na final da Copa Indervalle, disputada em Cáli, na Colômbia. Portanto, trata-se de uma notícia factual. Nenhum repórter foi enviado especialmente para o evento, já que a nota não é assinada. Isso permite inferir que o jornal pode acompanhar o desempenho de atletas brasilienses em eventos no exterior sem ter que enviar um repórter ao local, mesmo que isso resulte em uma nota pequena.

No entanto, a notícia de Pedro Dumont não foi publicada no *AQUI DF*, mesmo sendo sobre um atleta brasiliense e o jornal voltado para o público local. Em compensação, o jornal popular deu duas notas que o *Correio Braziliense* não noticiou. Uma sobre o

Universo, time de basquete da cidade, e outra sobre o caso de *dopping* da nadadora brasileira Rebeca Gusmão. Ambas as notícias são voltadas para esfera nacional, mesmo que o time Universo e a nadadora Rebeca Gusmão sejam representantes locais. Isso porque a notícia é sobre a participação do Universo no Campeonato Nacional de Basquete, e o caso Rebeca Gusmão teve repercussão nacional e até internacional, por ter sido flagrada em um exame de antidoping em 13 de julho, dia da abertura dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro realizados em 2007.

A edição do dia 20 do *Correio Braziliense* contou com quatro matérias sobre esporte local, sendo que a matéria de contracapa *Da seleção para a legião*, que fala sobre as aventuras do ex-atacante da seleção brasileira de vôlei que se alistou no exército de voluntários francês, o brasileiro Antônio Carlos da Silva Xisto, não teve nenhuma menção no *AQUI DF*. Assinada por Luiz Roberto Magalhães, a matéria trata de uma reportagem exclusiva, não factual, feita pelo *Correio*, e por isso não foi noticiada no jornal popular.

As outras duas matérias do jornal tratam de futebol e foram assinadas por Roberto Naves e Daniel Brito. Uma sobre a concorrência para o Brasiliense no Candangão e a outra sobre o Legião, time novato no Candangão que, em um arrojado esquema de marketing, levou aos estádios mais de 2 mil torcedores em média.

A única matéria noticiada pelo *AQUI DF* foi sobre a concorrência para o Brasiliense com o título *Jacaré contra a reca*. Trata-se da mesma matéria assinada por Roberto Naves e Daniel Brito e com crédito do fotógrafo Cadu Gomes, da equipe do *Correio*. Só que no jornal popular, ela não é assinada. Desta forma, é possível concluir que houve apenas uma adaptação da linguagem usada no *Correio* para uma linguagem popular usada no *AQUI DF*. Assim é possível perceber, pela segunda vez, o destaque dado ao time do Brasiliense, tido como o favorito do campeonato de futebol local. Já a matéria sobre o time Legião não foi notícia no jornal popular. Talvez pelo fato de o time ser formado por torcedores da classe média e que moram no Plano Piloto, não atendendo ao leitor do jornal, que pertence às classes C e D. No entanto, vale ressaltar que é esse público que normalmente comparece aos estádios para assistir as rodadas do Candangão.

O *Correio* ainda deu notícia sobre o tenista candango Pedro Dumont, de 14 anos, que conquistou o troféu na Colômbia. Nesta edição, a nota *Candango Bicampeão na Colômbia* é uma continuação da *Brasiliense está na final em Cáli*, do dia anterior. O *AQUI DF*, novamente, não noticiou o desempenho do jovem brasiliense.

No dia 21 de janeiro, as duas matérias do *Correio Braziliense* foram sobre futebol. Uma sobre o Legião, que fala sobre a média de público no Candangão. A matéria contou até com chamada de capa do jornal. A outra, sobre o sufoco que o Brasiliense sofreu para vencer o desfalcado Unai-MG. O destaque dado ao Brasiliense, que foi campeão do Campeonato Candango 2008, é constatado não só no *AQUI DF*, mas no *Correio Braziliense*, já que todos os dias o jornal apresentou matérias sobre o Jacaré. As duas matérias de futebol do *Correio* foram noticiadas pelo jornal popular, sendo *Jacaré e Legião largam na frente no Candangão* chamada de capa no *AQUI DF*.

A principal notícia do *Correio Braziliense* no dia 22 de janeiro foi sobre o tenista Pedro Dumont. O jornal, que fez a cobertura do desempenho do tenista brasiliense de 14 anos na Colômbia, por meio de notas, trouxe nesse dia reportagem de capa do caderno assinada por Luiz Roberto Magalhães. Com o ótimo desempenho de Pedro Dumont, o jornal fez matéria de destaque com o jovem, por telefone, o que mostra que o brasiliense não havia retornado a Brasília. A foto de arquivo do tenista é do ano anterior, crédito do fotógrafo Paulo Henrique Carvalho, o que comprova o fato.

Mudança de rota foi a segunda matéria da capa do caderno e fala sobre a preparação do corredor brasiliense Hudson de Souza para as Olimpíadas de Pequim, também assinada por Luiz Roberto Magalhães. A foto é de agência e do ano passado. Nota-se que, mesmo os atletas estando fora de Brasília, em competições internacionais e nacionais, foi possível fazer matérias exclusivas por telefone.

A edição ainda contou com uma matéria *Boletim Disciplinar*, sobre mudanças na classificação do campeonato candango. Percebe-se que todas as matérias do futebol local são assinadas por Roberto Naves e/ou Daniel Brito, repórteres destinados exclusivamente para a modalidade. Com isso, todos os dias eles produzem uma matéria sobre o campeonato local. A edição trouxe ainda uma nota sobre basquete *Universo joga na sexta-feira*.

No mesmo dia, o *AQUI DF* não trouxe nenhuma matéria sobre esporte local, nem mesmo sobre o futebol candango. A ausência de matéria sobre o Candangão no jornal popular pode ter sido porque a notícia do *Correio* só tratou das mudanças na classificação do campeonato e não trouxe nada a respeito do desempenho dos times, o que normalmente é noticiado no *AQUI DF*.

Além disso, é possível inferir que o jornal popular não tem o compromisso de acompanhar os assuntos já noticiados. Por exemplo, no dia 19 de janeiro, o jornal noticiou a vitória fora de casa do time de basquete candango Universo diante da equipe do Londrina. Mas no dia 22 de janeiro, o jornal popular não noticiou a respeito, sendo que a edição do *Correio Braziliense* trouxe nota sobre o fato.

No dia 23 de janeiro, o destaque da edição foi *Cavaleiros do futuro*, única matéria de capa do caderno. Enquanto os quatro cavaleiros da Sociedade Hípica de Brasília – Gilberto Keiji Haraguchi Júnior, 10 anos, Kitaro Baldaia, 14, André Nascimento, 14, e Rafael Rodrigues, 17 – estavam na Copa Internacional Del Mundo, no Equador, o *Correio* não noticiou a presença nos brasilienses na competição. Talvez porque não souberam da competição. Mas assim que os atletas desembarcaram na cidade, o jornal fez matéria de destaque com eles. Foi assinada por Eneila Reis e com foto recente dos cavaleiros, com crédito de Paulo Araújo, da equipe do CB.

A única matéria de futebol da edição foi *Medo do alçapão*, mais uma sobre o Brasiliense e as rodadas do Candangão, assinada por Daniel Brito e com colaboração de Roberto Naves. Isso só confirma a parceria dos repórteres responsáveis pela cobertura exclusiva do futebol local.

Já *Brasília promove jogo festivo* foi assinada pela redação, o que mostra que foi feito por um estagiário provavelmente da própria redação, visto que a foto do governador José Roberto Arruda junto com Pelé, o rei do futebol, é creditada por Silvestre Gorgulho, do Governo do Distrito Federal (GDF).

No *AQUI DF*, nenhuma das matérias sobre esporte local do *Correio* foi noticiada, nem a dos cavaleiros brasilienses, nem do campeonato candango. O que mostra mais uma vez que o *AQUI DF* não faz a cobertura diária do Candangão, assim como faz dos campeonatos estaduais carioca e paulista.

No dia 24 de janeiro, a notícia sobre a preparação da nadadora brasiliense Tatiana Lemos Barbosa para a Olimpíada de Pequim foi a segunda matéria da capa do caderno de esportes do *Correio Braziliense*. Apesar de ser uma atleta brasiliense, vale lembrar que ela irá representar o Brasil nas Olimpíadas de Pequim 2008, ou seja, é uma atleta internacional, o que lhe confere maior destaque.

Nessa edição, houve mais uma matéria sobre o desempenho do Brasiliense, assinada por Roberto Naves e foto de arquivo, o que permite dizer que só o repórter foi deslocado para o local. A única nota foi *ABC empossa nova diretoria* sobre os novos diretores da Associação Brasiliense de Corredores (ABC).

Essa notícia não foi publicada no *AQUI DF* visto que, dificilmente, despertaria o interesse direto do público-leitor do jornal. A notícia sobre o Brasiliense também não foi publicada, assim como a matéria sobre a nadadora brasiliense ficou de fora. Nota-se que, em três dias consecutivos de edição, o jornal popular sequer trouxe uma nota sobre esportes da cidade, sendo o destaque das edições os campeonatos estaduais.

No dia 25 de janeiro, a matéria sobre esporte local de maior destaque foi *Presente de grego* sobre a estréia do lateral-direito Índio pelo Gama. Ao longo das análises, percebe-se que o *AQUI DF* dá um destaque maior para as matérias nacionais, afastando-se do compromisso com o público local. Como o jogador Índio já foi bicampeão brasileiro (1998 e 1999) e campeão mundial, títulos conquistados com a camisa número 2 do Corinthians, o jogador de 28 anos, reconhecido nacionalmente, foi o destaque da única matéria na edição do jornal popular, após três dias sem matéria sobre esporte local.

No mesmo dia, a edição do *Correio Braziliense* ainda trouxe repercussão da morte da windsurferista Dora Bria com conhecidos da atleta em Brasília. Na matéria assinada pela redação, amigos da academia Fitness Brasil, onde a atleta malhava, falaram sobre ao acidente de carro que resultou na morte de Dora. Uma maneira de aproximar o leitor da notícia.

Já *Taça Brasília*, em fevereiro, matéria sobre competição de futebol de salão (futsal), traz um serviço com telefone para quem quiser participar do torneio. Segundo a nota, os interessados podem entrar em contato com a Federação Brasiliense de Futebol de Salão (Febrasa), organizadora do evento. Vale lembrar que a Taça Brasília teve

cobertura total do programa *Globo Esporte* local, da Rede Globo. No dia 12 de abril, a emissora divulgou e noticiou a final da competição com a disputa dos times femininos do CRESPOM contra a AJJR FUTSAL pelo placar de 7 x 5, no ginásio poliesportivo do Cruzeiro, segundo dados do site da Febrasa. É o segundo ano consecutivo que a Rede Globo apóia o evento, o que pode ser um dos motivos que contribuiu para o pequeno espaço dado ao torneio pelo *Correio Braziliense*.

A edição ainda trouxe uma nota sobre a inauguração de novas quadras de tênis no Clube Naval, dos oficiais da Marinha. O fato também não foi mencionado no *AQUI DF*, visto que a notícia é voltada para um público muito específico.

No dia 26 de janeiro, último dia de análise, o *Correio Braziliense* apresentou quatro matérias sobre esporte local, sendo a de maior destaque *Missão diplomática*, de Daniel Brito, sobre o Brasiliense e jogos da rodada do Candangão. A matéria trata sobre o polêmico treino de reconhecimento do Jacaré no gramado irregular do estádio da Metropolitana, no Núcleo Bandeirante. A mesma notícia teve espaço na edição do *AQUI DF* e foi até chamada de capa com o título *A realidade candanga* e com o subtítulo *Jogadores do Jacaré, como o experiente zagueiro Júnior Baiano, fazem o reconhecimento no péssimo gramado da Metropolitana e dizem que dá para jogar contra o Dom Pedro, amanhã*. Vale ressaltar que o zagueiro Júnior Baiano tem destaque na matéria, sendo mencionado no subtítulo, por ser um jogador conhecido nacionalmente, assim como o lateral-direito Índio (Gama). O zagueiro já passou por times como Flamengo, São Paulo, Palmeiras e Vasco da Gama, e esteve na Copa de 1998 pela seleção brasileira.

Dentro do caderno, o jornal popular ainda trouxe uma nota sobre o brasiliense Marílson Gomes dos Santos que venceu o 11º Troféu Cidade de São Paulo de atletismo. A nota é exatamente a mesma que foi noticiada no *Correio Braziliense*, apenas foi editada. Além desta nota, o *Correio* trouxe ainda outra: *Universo enfrenta o Uberlândia amanhã*. Assim, o jornal acompanhou o desempenho do time de basquete de Brasília no Campeonato Nacional. A matéria deu continuidade à última nota publicada no dia 22 de janeiro. Cobertura que não ocorreu no *AQUI DF*.

A edição trouxe também *Cofres abertos* sobre política esportiva, assinada por Roberto Naves. A foto do governador José Roberto Arruda e do subsecretário do

governo local, Fábio Simão, também no comando da Federação Brasiliense de Futebol (FBF), é creditada pelo fotógrafo Cadu Gomes, da equipe do CB. De acordo com análise, é possível inferir que notícias sobre política esportiva não entram nas edições do AQUI DF. É o caso de *Cofres abertos* e *Brasília promove jogo festivo*, publicadas na edição do dia 23 de janeiro.

Ao final da análise comparativa, fica nítido o destaque dado ao futebol, em especial, ao time Brasiliense. Dois oito dias analisados, o *Correio Braziliense* apresentou sete matérias sobre o desempenho do time no campeonato candango. Os dias que fogem à regra são o dia 22, que o jornal traz matéria sobre mudanças na classificação do campeonato, e o dia 25, com matéria sobre o jogador Índio, do Gama. O destaque dado ao futebol candango, em detrimento dos outros esportes da cidade, pode ser atribuído ao fato de o jornal ter dois repórteres exclusivos para a cobertura da modalidade, Roberto Naves e Daniel Brito, conforme é possível inferir a partir das análises dos dados.

Tanto no *Correio* quanto no *AQUI DF* é possível perceber que, em todos os dias analisados, o número de matérias nacionais é sempre superior ao das notícias locais. No AQUI DF, a incoerência é ainda maior, sendo que o número de notícias internacionais ultrapassam as locais. Mesmo sendo um jornal popular, voltado para o público C e D da cidade, o periódico prioriza a esfera nacional com a cobertura diária dos campeonatos estaduais, o que não ocorre com o Campeonato Brasiliense de Futebol.

5.2 Bate-bola com os editores

Em entrevista, o primeiro ponto que Paulo Rossi, editor do *Correio Braziliense*, ressalta são as dificuldades de fazer uma boa edição em um jornal de Brasília. “Temos uma verdadeira missão hercúlea e diferente de outros jornais de outros estados”. Em Brasília, há pessoas de todas as regiões do país, conforme dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD), de 2006, mostrados anteriormente na **Contextualização**. Por isso, o editor justifica que a edição do caderno de esportes tenha notícias de esportes de outros estados, principalmente, de futebol.

Segundo Rossi, o leitor de Brasília também é “antelado” ao noticiário internacional. Quer saber sobre eventos internacionais como Liga dos Campeões da Europa, Olimpíada, Fórmula 1. Ao mesmo tempo, “Brasília tem 48 anos e estamos consolidando em alguns esportes, como saltos ornamentais e atletismo”. A partir disso, também há a necessidade de informação sobre esportes da cidade.

Com todas as necessidades do leitor brasiliense, apontadas acima, o editor ressalta que a dificuldade de agendamento, em oito páginas diárias, de matérias nacionais, locais e internacionais, é grande. Para isso, usa os critérios de importância da notícia. Está nas atribuições do editor selecionar quais as matérias importantes consideradas por ele (ERBOLATO, 1991, p. 63). Notícias sobre resultados de jogos, sobre competições ou até mesmo de interesse humano, por exemplo, sobre histórias de superação de algum atleta, merecem destaque das edições do *Correio*.

O jornal tem por tradição, segundo Rossi, a cobertura do futebol candango. Mesmo que o nível de leitura não seja o mesmo do Campeonato Carioca. Por exemplo, os principais times da cidade, Brasiliense e Gama, ganham destaque nas edições em função do critério da proximidade. “Há muitos mais torcedores do Flamengo, Vasco, Botafogo do que do Brasiliense e do Gama. Então para fazer o equilíbrio e valorizar o esporte local, a gente tem que lidar com isso”.

Rossi aponta que a maioria dos brasilienses torce por times de outros estados, principalmente os do Rio de Janeiro. Em função do número menor de torcedores, “o futebol de Brasília não terá tanta a capa como o futebol carioca e paulista”, afirma.

O editor destaca que as dificuldades na edição dos jornais de Brasília são mais complicadas que os veículos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Se um jornal carioca não noticiar um fato sobre um time paulista, os cariocas não vão reclamar. No entanto, se o *Correio* deixar de noticiar alguma matéria sobre times de outros estados, o leitor vai reclamar pela variedade de torcedores na cidade. Para Rossi, ao mesmo tempo em que essa característica de Brasília é um complicador, é também enriquecedora. “Isso faz com que o leitor daqui seja mais antelado e com uma cultura esportiva mais rica que os de São Paulo e do Rio”.

Mas para que outras modalidades de esportes da cidade sejam capa do caderno, além do futebol, “é preciso que o fato seja muito importante”, segundo Rossi. O

Universo, time de basquete da cidade, já foi capa por ter sido o campeão nacional da modalidade no ano passado e por estar lutando pelo bicampeonato. “E vai ser destaque porque está competindo em alto nível”, diz.

O editor do *AQUI DF*, Leonardo Meireles, também segue as preferências dos leitores, apontadas em pesquisas prévias, nas edições do jornal. Segundo ele, antes de o jornal circular, pesquisas foram realizadas para identificar o interesse dos leitores brasilienses sobre esportes. “Eles pediam muito esportes. Em especial, futebol. Infelizmente, eu acho, eles não pediam tanto o local”, comenta.

Como as pesquisas não apontaram o interesse do leitor pelo esporte local, o editor prioriza matérias factuais e gerais, como campeonatos, títulos mundiais, em especial, relacionados ao futebol. Outros esportes só merecem destaque pelo grau de importância do evento. “Se for falar de algum esporte que não seja o futebol, que tenha uma coisa importante. Por exemplo, um título mundial de Judô ou um título mundial de atletismo”.

Em ambos os jornais, atletas de outros esportes, além do futebol, que não têm destaque no cenário nacional, ganham espaço nas edições por meio de matérias que contam suas histórias e trajetórias. “Muitas vezes, fazemos matérias sobre as revelações que estão começando a carreira”, diz. Segundo Paulo Rossi, recentemente o *Correio Braziliense* fez uma matéria sobre o sobrinho do ex-judoca Tranquilini, revelação da modalidade. Já no *AQUI DF*, as mesmas histórias de atletas são contadas na seção de Cidades e não de Esportes, que prioriza sempre assuntos factuais.

Rossi ainda ressalta que, campeonatos de escola e de clubes não vão ter cobertura do *Correio Braziliense*, que é um jornal de referência nacional. No entanto, o editor afirma que informações sobre eventos desse tipo podem ser noticiadas na seção *Agenda Esportiva*, destinada a contemplar eventos de menor importância e atratividade.

Já no *AQUI DF*, eventos desse porte não terão espaço, mesmo sendo um jornal voltado para o público local. De acordo com o editor Leonardo Meireles, o jornal noticiava matérias sobre esporte local nos primeiros meses de circulação. No entanto, os leitores não mostraram, por meio das pesquisas, que queriam notícias da cidade, além do futebol. No que tange a esse esporte, os leitores querem matérias, principalmente, do Gama e do Brasiliense. “Se a gente não dá, eles ligam pedindo,

mandam e-mail”, diz. No entanto, o editor ressalta que o mesmo não ocorre com outras modalidades.

Isso também ocorre com o público-leitor do *Correio Braziliense*. Paulo Rossi diz que não recebe e-mails com críticas às edições que não apresentaram notícias sobre esporte local. Segundo ele, o leitor do *Correio* está muito mais na esfera nacional. “Acho que isso é uma característica que dificultaria um maior espaço que não seja o futebol”, comenta. Isso não quer dizer que, se o jornal dá matéria sobre atletas da cidade, o leitor não goste. Pelo contrário.

Pela falta de reclamações e de retorno do leitor brasiliense, o critério usado para agendar o esporte local no *AQUI* é o mesmo usado no *Correio*, o da importância do evento. Por mais que o jornal seja voltado para o público local, o critério de proximidade é deixado de lado, já que as histórias de atletas brasilienses são noticiadas em *Cidades* e não em *Esportes*.

Para Paulo Rossi, a equipe pequena, formada por quatro repórteres, é uma das limitações para a cobertura de esporte local. Dos quatro, dois cobrem exclusivamente futebol, enquanto os demais se revezam para cobrir os esportes amadores como automobilismo, natação, basquete, tênis. “Se houvesse a possibilidade de ter mais repórteres, com certeza eles seriam direcionados para o esporte local amador”, diz. Como *Gama* e *Brasiliense* estão sempre em competições nacionais, o editor diz que não pode abrir mão dos dois repórteres que fazem a cobertura do futebol candango.

Já Leonardo Meireles aponta a falta de espaço como limitador para a cobertura do esporte local. Durante o período de análise, o *Correio Braziliense* apresentou todos os dias matérias sobre o esporte local. Em contrapartida, em três dias, o *AQUI DF* não noticiou nenhuma matéria. O que, para o editor, deve ser levado em consideração os dias analisados. “Tem que ver exatamente o dia que foi. Se foi uma quarta-feira em que estava cheio de competições como o Campeonato Carioca, e se a edição estava cheia com muito anúncio, a gente tem que deixar de lado”, explica. Como o jornal é muito pequeno, o editor ressalta que notícias do dia-a-dia dos times de futebol da cidade, nem sempre entrarão na edição. Por exemplo, se a notícia é para falar sobre o meio de campo do *Gama*, que ainda não está definido para a próxima partida, provavelmente

não entrará na edição. “Em um jornal como o *Correio*, que é maior, eles podem destrinchar esse tipo de assunto”, explica.

Em compensação, o *AQUI DF*, jornal popular e local, apresenta em todas as edições notícias sobre esportes internacionais. Segundo Leonardo Meireles, o brasiliense se interessa por esse tipo de notícias porque tem muito atleta brasileiro no exterior. “Tirando totalmente a ingenuidade, vende muito mais jornal um Ronaldinho Gaúcho ou Ronaldo na capa do que outras coisas”, comenta. O interesse do leitor ocorre, especialmente, em relação ao futebol.

Enquanto Paulo Rossi considera que a equipe do *Correio*, formada por quatro repórteres, é pequena, o *AQUI DF* sequer tem uma equipe de produção própria. O jornal tem apenas repórteres para Cidades. Em dois anos de circulação, o jornal assinou apenas duas matérias de esportes. Por isso, segundo afirma Leonardo Meireles, o jornal depende da produção do *Correio*.

O editor reconhece que poderia dar mais espaço ao esporte local, mas a falta de espaço limita a cobertura apenas ao futebol. Se um projeto de aumento do número de páginas sair do papel, diz que há possibilidade de ampliação da cobertura. “Eu acho muito importante e tem leitura para isso (...) e vamos atingir a população. é o que a gente quer”, enfatiza Leonardo Meireles.

Para aumentar a cobertura do esporte local, muito além de aumentar a equipe, Paulo Rossi acredita que seria necessário aumentar o número de competições em Brasília. “Nós vemos muitas federações que não realizam muitas competições durante o ano, o que nos leva a não ter uma cobertura tão diversificada assim”, diz. Além disso, o editor destaca que a maioria das federações não é organizada e que algumas não informam sobre a agenda de eventos e nem sobre atletas que estão se destacando na cidade. Desta forma, cabe aos repórteres estarem atentos ao que acontece na cidade e sempre em contato com as fontes.

No entanto, apesar das dificuldades, Rossi acredita que a cobertura do *Correio* aumentou consideravelmente, se comparada há quatro anos. Em 2003, eram duas páginas e meia por dia, com uma edição tablóide às segundas. “Era muito ruim”, avalia. Hoje, são oito páginas no formato *standard* e ainda há o portal *correiobrasiliense.com* que abre espaço para diversificar a cobertura. Ainda não é uma cobertura suficiente,

segundo o editor, mas pela quantidade de repórteres e estrutura é uma “cobertura legal”, sendo “um dos jornais que mais dá espaço para o esporte amador” no Brasil.

Já Leonardo Meireles relembra os tempos da edição tablóide de maneira positiva. O editor, que na época era repórter, conta que fez muitas matérias especiais com atletas da cidade. Como, por exemplo, uma especial sobre a preparação de atleta paraolímpico. “Era uma época muito legal que tinha esse espaço. Não era diário, mas você tinha espaço destinado ao esporte local”, diz. Quanto à cobertura atual, o editor ainda acredita que os jornais estão mais preocupados com a questão comercial do que com o compromisso social. “E isso em qualquer jornal”, destaca.

5.3 Análise dos resultados e teoria

Da análise comparativa dos cadernos de esportes do *Correio Braziliense* e *AQUI DF*, no período de 19 a 26 de janeiro, fica claro que os veículos analisados dão mais espaço para as notícias nacionais do que as locais.

Alguns tipos de agendamento foram apontados tanto pelo editor do *Correio Braziliense*, Paulo Rossi, quanto pelo editor do *AQUI DF*, Leonardo Meireles: o primeiro se dá em função de que em Brasília há pessoas de todos os estados. A partir daí, justificam a necessidade do leitor brasiliense por matérias nacionais.

Principalmente, em relação ao futebol. Eles justificam que a maioria das pessoas em Brasília torce por outros times fora da cidade, em especial, aqueles que pertencem ao eixo Rio - São Paulo. O que não é uma característica somente de Brasília, mas nacional, já que, segundo pesquisa CNT/Sensus, divulgada no ano passado, o Flamengo tem a maior torcida do Brasil com 14,4% dos torcedores. O segundo é o Corinthians, com 10,5%, seguido do São Paulo, com 8%.

Outro fator não deve ser desprezado, e ajuda a reafirmar a justificativa dada pelos editores: os últimos números da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PNAD), de 2006. Os dados apontam que a maioria dos brasilienses é formada por nascidos na cidade; mas são 212 mil mineiros, 179 mil goianos, 137 mil baianos, 134 piauienses, 124 mil pernambucanos, entre outros estados. Diante desse quadro, Rossi ressalta

que, agendar diariamente notícias entre locais, nacionais e internacionais em caderno de oito páginas diárias, é uma dificuldade constante.

No entanto, nota-se que a maioria é formada por brasilienses nascidos na cidade. Portanto, por mais que o *Correio* seja um veículo de referência nacional, ele está localizado na capital federal e, por isso, o critério de proximidade deveria ser o principal critério adotado. No caso do *AQUI DF*, o compromisso com as notícias locais aumenta ainda mais, à medida que trata-se de um jornal popular, voltado para o público da cidade. Segundo Erbolato (2001, p. 61): “A grande arma dos jornais do interior (...) é a divulgação dos fatos que ocorrem *perto* do leitor e a ele ligados”. Assim, não há justificativa plausível para ausência de matérias sobre os esportes freqüentes na cidade no jornal popular.

Paulo Rossi aponta que, levando em consideração a pequena equipe formada por quatro repórteres, a cobertura sobre o esporte local é razoável, mas é claro que poderia ser ampliada. É fato que durante todos os dias analisados a edição apresentou notícias sobre esporte local entre notas e reportagens.

No entanto, verificou-se uma predominância do futebol na cobertura diária do esporte local. Mesmo que em Brasília, haja mais torcedores do Flamengo, Vasco e Botafogo do que do Brasiliense e Gama, o jornal publica diariamente notícias sobre os principais times de futebol da cidade, embora Paulo Rossi reconheça que a cidade vem se consolidando em outras modalidades como saltos ornamentais e atletismo, e haja uma necessidade de informações esportivas locais.

Não há como deixar de lado o fato de que Brasiliense e Gama merecem o destaque nas edições porque são os únicos times da cidade que já estiveram na elite do futebol, na série A do Campeonato Brasiliense. O primeiro em 2005, e o segundo em 1999. Então, seguindo o critério de importância, Paulo Rossi agenda diariamente os dois times nas edições.

Mas percebe-se que a linha editorial dos jornais deixa de lado alguns critérios jornalísticos na seleção de notícias esportivas, como impacto (acontecimentos impressionantes), raridade (fuga da rotina) e utilidade (em que a matéria pode colaborar para a vida do leitor); ressalva para matéria *Clube Naval inaugura quadras* da edição do dia 25 de janeiro, do *Correio Braziliense*.

Para provar a falta de impacto, pode-se usar o exemplo da matéria *Missão diplomática*, matéria de destaque do *Correio* dia 26 de janeiro. Ela fala sobre o treino de reconhecimento do Brasiliense no gramado irregular do estádio da Metropolitana, que fica no Núcleo Bandeirante. Um treino rotineiro não possui relevância para que seja feita uma reportagem, ainda mais de destaque. A notícia não trouxe nada de interessante ou algo que pudesse acrescentar na vida do leitor. “Considere-se ainda o seguinte, com referência às notícias: elas têm importância quando algo ocorre pela primeira última vez e despertam pouco interesse durante a rotina”. (ERBOLATO, 2001, p. 55)

É necessário mencionar que, dos quatro repórteres da equipe do *Correio*, dois foram responsáveis pela cobertura exclusiva dos times de futebol de Brasília no período analisado: Daniel Brito e Roberto Naves. Portanto, eles devem produzir matéria diariamente sobre os times para o jornal. O editor Paulo Rossi argumenta que os repórteres também podem fazer matérias sobre outros esportes. No entanto, durante os dias avaliados, todas as matérias assinadas por Daniel Brito e Roberto Naves só tratavam de futebol.

Além de destaque no *Correio*, a notícia do treino de reconhecimento mereceu amplo espaço no *AQUI DF*. A notícia foi até chamada de capa com o título *A realidade candanga, com o sutiã Jogadores do Jacaré, como o experiente zagueiro Júnior Baiano, fazem o reconhecimento no péssimo gramado da Metropolitana e dizem que dá para jogar contra o Dom Pedro, amanhã*. Vale ressaltar que, durante o período analisado, nem todas as matérias sobre as rodadas do futebol brasiliense foram noticiadas no *AQUI DF*.

Segundo os critérios apontados pelo editor Leonardo Meireles, a matéria não deveria ter entrado na edição. “Se a notícia é para falar sobre o meio de campo do Gama, que ainda não está definido para a próxima partida, provavelmente não entrará na edição”. Avaliando o critério de importância do exemplo dado pelo editor, pressupõe-se que a matéria noticiada não teria relevância para entrar na edição. Portanto, nota-se uma contradição entre o critério apontado durante a entrevista e a edição final.

No entanto, percebe-se que o critério de importância foi dado não ao fato em si, mas a um jogador do Brasiliense. Veja: *Jogadores do Jacaré, como o experiente zagueiro*

Júnior Baiano, fazem o reconhecimento no péssimo gramado da Metropolitana e dizem que dá para jogar contra o Dom Pedro, amanhã. O zagueiro Júnior Baiano tem destaque na matéria, sendo mencionado no sutiã, por ser um jogador reconhecido nacionalmente, assim como o lateral-direito Índio (Gama), que foi destacado na matéria *Presente de grego*, do dia 25 de janeiro. O zagueiro do Brasiliense já passou por times como Flamengo, São Paulo, Palmeiras e Vasco da Gama, e serviu à seleção brasileira.

Portanto, dois critérios foram identificados para noticiar o esporte local: histórias de interesse humano e importância do evento. Nota-se que atletas só recebem espaço quando suas histórias são interessantes e de superação, como é o caso de *Da seleção para a legião*, que fala sobre as aventuras do ex-atacante da seleção brasileira de vôlei que se alistou no exército de voluntários francês, o brasiliense Antônio Carlos da Silva Xisto. Quando equipes e atletas da cidade disputam competições nacionais ou internacionais, como é o caso da matéria *Início perfeito com o sutiã Revelação do esporte candango, Pedro Dumont conquista na Colômbia, o primeiro título internacional logo no primeiro ano do torneio. Agora, vai em busca do segundo troféu, no Equador.*

Infere-se que os editores sempre priorizam as notícias que terão repercussão na esfera nacional. O que vai ao encontro do interesse do *Correio Braziliense* de tornar-se um jornal de referência nacional, não justifica o critério de edição usado no *AQUI DF* que, além de ser voltado para o público local, é destinado às classes C e D.

Em três dias analisados, o jornal popular não noticiou matérias sobre esporte local. No entanto, todos os dias é possível encontrar matérias de esportes internacionais, em especial, futebol. Segundo o editor Leonardo Meireles, o brasiliense se interessa por esse tipo de notícia porque há brasileiros que jogam no exterior. Por mais que o leitor do *AQUI*, público C e D, não tenha acesso à internet ou à TV a cabo, ele quer saber o que ocorre do outro lado do mundo.

Guy Debord (apud ARBEX, 2002, p. 69) afirma que a sociedade de consumo, apoiada nos meios de comunicação, tornou-se a “sociedade do espetáculo”. O modo como os meios de comunicação dispõem as notícias e hierarquizam as notícias – uma notícia internacional acaba sendo mais importante que uma local –, permite comprovar essa teoria. Nessa sociedade de consumo, os indivíduos encontram na mídia uma “válvula de escape” para enfrentar os problemas do cotidiano. Para Arbex (2002, p.69),

“o espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada”.

Segundo Arbex (2002, p.32), uma das conseqüências da prática de apresentar jornalismo como “showrnalismo” é o enfraquecimento ou total apagamento da fronteira entre o real e o fictício. O problema não é uma edição composta por matérias locais, nacionais e internacionais, já que isso é uma característica “enriquecedora” por levar ao leitor uma cultura esportiva mais rica, como aponta o editor Paulo Rossi. Mas trata-se da hierarquização das notícias que priorizam mais o nacional e internacional, em detrimento da identidade local. Isso pode acarretar um devaneio do leitor que acha que vive um mundo espetacular, quando na verdade está vivendo o Simulacro.

Estimula-se um acompanhamento dos grandes times europeus, por exemplo, para que eles não fiquem desinformados de qualquer lance ou detalhes, que são, na maioria das vezes, distantes da realidade que o leitor vive aqui.

Os editores ressaltam que seguem nas edições os gostos e preferência dos leitores, apontados em pesquisas de mercado realizadas previamente. Mas como aponta Adorno (apud COHN p. 288), o consumidor não é o rei da indústria cultural, mas seu objeto. Leonardo Meireles diz que “tirando totalmente a ingenuidade, vende muito mais um Ronaldinho Gaúcho ou Ronaldo na capa do que outras coisas”. Esse tratamento é usado atrair mais leitores.

As mercadorias culturais da indústria se orientam, como disseram Brecht e Suhrkamp há já trinta anos, segundo o princípio de sua comercialização e não segundo o próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a *práxis* da indústria cultural transfere, sem mais, a motivação do lucro às criações espirituais. (ADORNO apud COHN, 1971, p. 288)

Além dos agendamentos apontados, há ainda outro tipo que acontece de forma diferenciada. O não agendamento de atletas e diferentes modalidades da cidade que não ganham destaque e espaço nas edições causa uma reação negativa naqueles que pertencem ou acompanham esse grupo excluído. Wolf (2003) relata que o efeito de *agenda-setting* pode se manifestar de diversas maneiras nos receptores.

(...) a omissão, a não cobertura de certos temas, a intencional cobertura acanhada ou prejudicada, recebida por certos argumentos. Esse tipo de agenda-setting funciona certamente para todos os meios de comunicação de massa. (...) Pode haver entre os diferentes meios de comunicação de massa vários modos de gerar o efeito de agenda-setting por omissão. (WOLF, 2003)

Wolf (2003) também cita que existem outros modelos para qualificar os efeitos da agenda. Segundo ele, o modelo “diz respeito a toda hierarquia num conjunto entre essa hierarquia e a atenção prestada pela mídia aos temas hierarquizados”. Desta forma, os torcedores, atletas e equipes da cidade que não fazem parte da cobertura esportiva dos jornais entram em conflito com as notícias recebidas, já que eles hierarquizam as notícias de suas modalidades e universo e, em contrapartida, os jornais não os correspondem. Deste modo, o leitor pode agir de duas maneiras: ligar ou mandar e-mail para os editores reclamando da ausência na cobertura, ou conformar-se com o agendamento pela omissão. Neste caso, o que ocorre é a segunda opção, somente em relação a outras modalidades que não sejam o futebol. “Se a gente não dá (notícias sobre Gama e Brasiliense), eles ligam pedindo, mandam e-mail”, diz Leonardo Meireles. No entanto, o editor do *AQUI DF* ressalta que o mesmo não ocorre com outros esportes.

Isso não quer dizer que o leitor não queira saber sobre o que ocorre na cidade, no campo esportivo. A situação não era diferente com o futebol no início do século XX, quando o esporte estava longe de ser uma paixão nacional e destaque nas páginas dos jornais. Mas a mídia teve papel fundamental na construção do gosto do brasileiro por essa modalidade. Contou com profissionais como o jornalista Mário Rodrigues Filho (1908-1966), que contribuiu para desenvolvimento do futebol na década de 1920. Ele exercia sua influência pessoal na imprensa, o que foi fundamental para disseminar a construção de uma identidade nacional vinculada ao futebol.

Segundo Paulo Rossi e Leonardo Meireles, as pesquisas mostram que o leitor não aponta que quer esporte local. O conceito de “construção social da realidade”, apresentado por Peter e Berger e Thomas Luckmann (1976), citado por Jorge Pedro de Souza (2006), discorda das perspectivas que vêem os fatos sociais como se fossem fenômenos naturais. Defendem que eles são resultado de um processo histórico de construção coletiva de conhecimento.

A perspectiva central do conceito é a de que toda a realidade é socialmente construída, dia a dia, pelas práticas individuais e sociais, o que conduz a uma permanente redefinição e renegociação das regras, normas, significados e símbolos sociais que podem, inclusive, ser contestados. (SOUZA, 2006)

Segundo as citações de Souza, Berger e Luckmann (1976) afirmam que a comunicação social contribui exatamente para criar uma espécie de patamar mínimo de entendimento comum, compartilhado da realidade social. Propõe modelos de comportamento, definição de papéis. Por isso, pode-se citar a presença da *hipótese da agenda-setting* na linha editorial dos jornais, que determina os temas que serão discutidos pela população.

“Talvez se a gente noticiasse mais matérias sobre esporte local, o público iria cobrar”, reconhece Leonardo Meireles. Os jornais se prendem aos assuntos apontados nas pesquisas, que resultam em uma maior tiragem e leitores, sendo que incentivando o esporte local, poderiam atrair outra parcela de leitores.

Os editores apresentaram a falta de espaço (Meireles) e de equipe (Rossi) como fatores limitadores da cobertura. Mas o principal poder está em suas mãos: o poder de decisão. Está no critério do editor selecionar quais as matérias importantes consideradas por ele (ERBOLATO, 1991, p. 63). O agendamento não depende só da rotina de produção, mas também de iniciativas dos jornalistas e de demandas da sociedade.

Não é possível encarar os pressupostos de rotinização do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística como pontualmente deterministas. Eles não são módulos uniformes e imutáveis. Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação com os agentes sociais”. (PENA, 2005)

6 Conclusões e recomendações: o apito final

Apesar de o *Correio Braziliense* publicar diariamente matérias sobre esporte local, entre notas e matérias, o espaço destinado ao local ainda é visivelmente inferior ao de as notícias nacionais e internacionais. No *AQUI DF*, algumas edições chegaram a não apresentar nenhuma notícia esportiva da cidade. Em contrapartida, matérias nacionais e internacionais estiveram sempre presentes.

A predominância do futebol nos veículos também é evidente, sendo que outras modalidades são jogadas para escanteio. Atletas e equipes da cidade só merecem destaque se participarem e apresentarem bons resultados em competições de nível nacional ou até mundial. “É claro que campeonatos de escola e internos de clubes não vão ser destaque”, como afirma o editor do *Correio Braziliense*, Paulo Rossi. Tampouco são noticiados no veículo voltado para o próprio público local, *AQUI DF*. Os campeonatos e as competições locais merecem menção apenas na *Agenda esportiva* do *Correio*, seção destinada a contemplar os esportes de menor importância e atratividade.

Desta forma, os editores usam o critério da importância do evento que, na maioria das vezes, está diretamente ligado a eventos que tenham representatividade nacional. Eles justificam os critérios usados nas edições com base em pesquisas que não apontam a necessidade do leitor por informações de esporte local.

Mas os gostos e preferências dos leitores por determinados esportes, conforme mostra esta pesquisa, não são fatos naturais, consumados. São frutos da construção feita pela mídia a longo prazo. A teoria do *agenda-setting* estabelece o efeito social da mídia, visto que ela é responsável por pautar os temas que o público priorizará e discutirá no cotidiano. Portanto, se o público não reclama por meio de e-mails e telefonemas quando as edições não apresentam matérias sobre esportes locais, não é porque não haja o interesse deles pelo assunto. É sim, porque, ao longo do tempo, seus gostos foram construídos e pautados pela mídia para serem leitores “anteados” com as notícias de esportes do Brasil e do mundo.

Os veículos se prendem às pesquisas ou àqueles esportes e atletas ícones com objetivo de maior tiragem e leitores. Não há como deixar de lado o fato de que os jornais analisados são veículos privados e que a influência mercadologia é inevitável. Mas o trabalho dos editores não é pontualmente determinado pela rotinização do trabalho e fatores organizacionais. Há espaços de manobra dentro dos jornais para que os editores, ligados aos agentes sociais, possam executar pequenas mudanças, já que contam com o poder, em mãos, de decisão e seleção das matérias, como mostra Leonardo Meireles, editor do *AQUI DF*. “Tinha uma época no *Correio Braziliense* em que as pessoas não pediam matérias sobre educação. Mas aí, um editor resolveu começar a dar espaço para o tema. A curiosidade do leitor foi crescendo por educação. Se a gente der mais, eles vão querer mais”, aponta.

6.1 Recomendações e contribuições

Ao identificar os critérios de noticiabilidade usados nas edições dos jornais e as dificuldades que norteiam o trabalho dos profissionais, esta pesquisa contribui para a reflexão sobre os processos de produção e edição dos jornais e sobre o posicionamento crítico do leitor diante da mídia. Mostra que o incentivo e a construção do gosto do brasiliense pelo esporte local, ao longo prazo, podem trazer retornos aos veículos como maior número de leitores e anunciantes, sem contrariar os interesses econômicos e comerciais da empresa.

O mercado para jornalismo está cada vez mais saturado. Formam-se, semestralmente, mais jornalistas do que jornais, revistas, emissoras de televisão podem absorver. A saída, muitas vezes, tem sido o webjornalismo. Com o lançamento do portal *correio braziliense.com* e de blogs, o espaço destinado ao esporte local e ao jornalismo esportivo tende a ampliar.

Vale ressaltar que, no jornalismo, é preciso ser especialista até no esporte. O preconceito com o jornalismo esportivo (e seus jornalistas) vem de muito tempo, conforme mostra esta pesquisa. Ninguém acreditava que o esporte pudesse estampar as páginas dos jornais. Hoje, a situação mudou, mas o preconceito continua.

Embora o interesse dos estudantes de comunicação pelo jornalismo esportivo tenha aumentado, ainda não há disciplina específica para a área em todas as faculdades do Distrito Federal. A idéia que se tem é que qualquer um pode trabalhar na área. Seria tão fácil que qualquer um pode fazer. Esta pesquisa mostra exatamente ao contrário: como o trabalho é repleto de dificuldades diárias e, ressalta a necessidade de profissionais especializados na área.

6.2 Limitações

Por causa do curto período para a realização desta pesquisa, pouco mais de três meses, a pesquisadora não pode entrevistar os subeditores, repórteres e estagiários das editorias para identificar como cada um interfere no agendamento do esporte local nos jornais analisados. Embora o foco desta pesquisa seja os editores como *gatekeepers*, tais entrevistas poderiam apontar outros aspectos e outros caminhos para o agendamento do esporte local. A conciliação das aulas na faculdade, monografia e o trabalho de oito horas diárias em um jornal foi fator limitador que contribuiu para que a ampliação deste trabalho não fosse realizada. No entanto, com o objeto de pesquisa delimitado e definido, o fator tempo não impediu a realização deste trabalho.

6.3 Agenda futura: as próximas partidas

Inicialmente, a pesquisadora tinha o objetivo de fazer uma análise quantitativa de todos os jornais da cidade que têm editorias ou seção de esportes. Por causa das limitações já apresentadas, não foi possível realizar esta análise. No entanto, a pesquisadora sugere que tal pesquisa seja realizada com objetivo de identificar o espaço destinado ao esporte local em outros veículos, especialmente nos jornais produzidos dentro das comunidades, como a *Folha de Samambaia* ou o *Jornal do Guará*.

7 Referências

ADORNO, Theodor W. A indústria cultura. In: **Comunicação e Indústria Cultural**. Editora Nacional: Cohn, 1978. p. 287- 295

AJJR, futsal. **SUB-20 masculino – suspenso novamente**. Disponível em: http://www.ajjrfsal.com.br/index.php?id_conteudo=73. Acesso em: 10 de maio de 2008.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!**” – **Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004

ARBEX, José. **Showrnlismo: A notícia como espetáculo**.3ª ed.; São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BRAZILIENSE, Correio. **Um novo jornal para o DF**. Brasília, 8 de março de 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

CRUZ, José. Fenômeno Mundial. **Correio Braziliense**, Brasília, 2 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.abc.esp.br/index.php?conteudo=9&id=3978>. Acesso em: 5 de maio de 2008.

DOSSIE DO ESPORTE. **Pesquisa nacional do Instituto Ipsos Marplan**. Disponível em: < globosat.globo.com/sportv/hotsite/dossie/dossie_esporte.htm. Acesso em: 27 de março de 2008.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário**. 5ª ed. São Paulo: Ed Ática, 1991.

Faez, A.P., Baldocchi, G.B.C., Souza, I.B., Castro, L.M., Bordon, M.M, Whitehead, M., Stocco, R.L. **A chuteira da mídia: A Predominância do Futebol na Imprensa Campineira**. Pesquisa Aplicada do curso de Jornalismo da PUC Campinas. Campinas, 2005.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) *Esporte & Jornalismo*, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FREITAS, Conceição de. Uma Brasília, mil brasis. Blog in **correio braziliense.com**, Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.eunaotenhonome.com.br/blogdaconceicao/blogdaconceicao?tv_pos_id=11650. Acesso em: 5 de maio de 2008.

GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade. CAMARGO, Vera Regina Toledo. A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da leitura. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005.

HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis**. São Paulo: Vozes, 2001.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber – Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MAZZI, Miriam. Referência Nacional. **Correio Braziliense**, Brasília, CB História-1960. Disponível em: Centro de Documentação (CEDOC) do Correio Braziliense.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2.ed. Porto: 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 22 março 2008

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**; tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins fontes, 2003.

8 Anexos

Entrevista A

Correio Braziliense – editoria de esportes

Entrevista com o editor de esportes Paulo Rossi, realizada e gravada em 28 de abril de 2008, às 16h, no hall de entrada da redação do Correio Braziliense.

1ª parte: perfil do profissional

Apresentação inicial sobre o objeto de pesquisa.

Para a pesquisa foram analisadas edições do dia 19 a 26 de janeiro...

PR: Eu acho que não tinha quase nada nesta época. Matérias sobre futebol local sim. Eu estava até de férias na época. Acho que não tinha quase acontecendo nas temporadas normais de esportes amadores.

As temporadas então começam a partir de quando?

PR: O esporte amador começa no final de fevereiro e março, depois do carnaval. Mas futebol começa em meados de janeiro.

Vamos começar fazendo um perfil do profissional Paulo Rossi. Como surgiu a idéia de seguir nessa profissão? Teve alguma influência, algum gosto pessoal?

Quando era estudante no 1º e 2º grau, sempre gostei de ler e escrever e sempre gostei de esportes. Na época praticava e até hoje procuro praticar alguns esportes. Eu era um leitor da revista Placar, uma revista muito boa e de alto nível. Mas até início o segundo grau, estava dividido em fazer algum curso na área de exatas. Na época era Processamento de Dados o nome do curso voltado para área de informática. Ou alguma coisa na área de humanas, já que eu gostava de escrever e ler. Só que nos últimos anos do 2º grau, eu comecei a não gostar de matérias como química e física, na área de exatas. Então, isso solidificou na cabeça a idéia de fazer comunicação e, uma dúvida entre publicidade e jornalismo, como já estava no terceiro ano, escolhi jornalismo mesmo.

Qual a universidade?

PR: Fiz pela Universidade de Brasília (UnB). Quando fiz vestibular, já estava decidido que queria fazer jornalismo e ainda não tinha na cabeça que seria jornalismo esportivo. Eu mesmo fiz (trabalhei) outras áreas aqui dentro do Correio Braziliense na minha carreira que não foram só na editoria de Esportes. Fiz vestibular para UnB, passei. E estudei de 1985 até maio de 1990. Na verdade, era o segundo semestre de 89, mas com as greves que a gente conhece, acabou que me formei em maio de 90.

Quanto tempo na profissão?

PR: Eu comecei em seguida a formatura. Eu trabalhei como estagiário da Radiobras. Depois da formatura trabalhei em uma empresa chamada CapSoftware, que não era de jornalismo. Era mais acompanhamento de votações no Congresso, mais voltada para empresa de banco de dados. Eu fazia perfis parlamentares e acompanhava as

votações para alimentar o banco de dados da empresa. Estou desde de 91 no Correio Braziliense. Já são 17 anos. Esqueci de dizer que, enquanto eu era estudante universitário, eu também joguei futebol aqui em Brasília. Talvez isso tenha me levado mais para área esportiva. Fui goleiro profissional durante dois anos pelo Planaltina e Sobradinho durante dois anos. Um ano de júnior e dois anos como profissional. Quando eu estava me formando, eu acabei pendurando as minhas chuteiras precocemente. Eu tinha 20, 21 anos, quando parei de jogar futebol aqui em Brasília.

Atualmente quais os esportes você pratica?

PR: Pratico futebol ainda. Tenho um time que eu joga desde a década de 90, chamado laranja mecânica, time amador, formado por amigos dos tempos da universidade. Jogamos bola em campeonato de clube e já fizemos até carreira internacional. Em 2005, fomos ao Canadá para uma competição chamada World Masters Games, que reúne veteranos do mundo inteiro. Uma Olimpíada de veteranos. Foi bem interessante que a gente não conhecia ninguém. A gente via as pessoas indo nos nossos jogos porque a gente era do Brasil. E ao mesmo tempo eram pessoas de alto nível. Tinha gente de alto nível como uma ex-jogadora de squash quanto peladeiros do nosso nível. Gosto de jogar tênis e basquete. Jogo basquete com meu filho. E já joguei vôlei durante um bom tempo, mas nunca mais voltei a jogar.

2ª parte: edição

Quais os critérios de noticiabilidade que você usa no dia-a-dia para noticiar matérias sobre as diversas modalidades de esporte local?

PR: Pelo fato do Correio Braziliense estar em uma cidade muito atípica, temos uma verdadeira missão mercúria e diferente de outros jornais de outros estados. Temos esporte local. Brasília tem 48 anos e estamos nos consolidando em alguns esportes como saltos ornamentais, contamos dois atletas que vão para Olimpíada (de Pequim 2008). No atletismo, revelamos Carlos de Oliveira, Joaquim Cruz, Marílson dos Santos e Lucélia Peres, atletas também da Natação. É uma cidade que evolui em demanda de notícias esportivas. Mas ao mesmo tempo é uma cidade com pessoas do Brasil inteiro. Como capital sempre atraiu pessoas de outros estados. Por isso, temos que dar bem esportes, principalmente, futebol de outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, até porque o leitor exige isso. E ao mesmo tempo estamos numa cidade que é sede de embaixadas, muita gente de fora. Sem falar o próprio interesse do leitor de Brasília que é um cara antenado ao noticiário internacional. Como Liga dos Campeões da Europa, Olimpíadas, Tênis, Formula 1, Vôlei. Temos um caderno de diário de oito páginas. Mas temos que dar matérias de futebol de quatro estados, no mínimo, bem esporte local e internacional. Para que o esporte local venha ter destaque... Primeiro fator, que não tem a ver somente com a especificidade com Brasília, mas tem a ver com regionalismo mesmo, é a importância da notícia em si como fato, se ela é importante ou não. Tem a ver com resultados, competições ou até mesmo com história humana interessante. Isso é que vai colocar essa notícia em um lugar mais privilegiado na edição. A gente tem por tradição dar bem o futebol candango. Toda vez que o Candangão se aproxima, damos um raio-x dos times. Temos sempre uma página sobre o futebol candango. Quando começar a série

B, daqui a 10 dias, com Brasiliense e Gama na série B, teremos sempre notícias diárias. Apesar de que o futebol candango não tem a quantidade de público que nós gostaríamos que tivesse. Não tem o mesmo nível de leitura do campeonato carioca, por exemplo. Há muito mais torcedores do Flamengo, Vasco, Botafogo do que do Brasiliense e do Gama. Então para fazer esse equilíbrio de valorizar o futebol local e respeitar o que o leitor quer, a gente tem lidar com isso. Rio de Janeiro aqui em Brasília continua sendo um estado muito forte. Nós crescemos assistindo o futebol do Rio. Não só minha geração, mas nossos próprios filhos por meio das transmissões da Record e da Rede Globo. Se você conversar com pessoas do seu convívio social a maior parte torce pelos times do Rio e São Paulo. Então o futebol de fora, o do Rio de Janeiro tem peso maior, times do São Paulo também são noticiados. Por isso, o futebol de Brasília não terá tanta capa como o futebol carioca e paulista. Mas tem bastante. Clássicos, jogos do Brasiliense contra o Sport, por exemplo, pela Copa do Brasil, foi capa nossa.

E para que outras modalidades de esportes sejam capa do caderno, quais os critérios?
PR: Precisa ser um fato muito (ênfase) importante. Por exemplo, vôlei masculino. Quando é campeão da liga mundial será nossa capa. Vôlei local. Se um time como o da AABB na década de 80, que chegou ao quadrangular final do Campeonato Brasileiro voltasse a ter esse destaque, Meu deus, seria nossa capa. Universo time de basquete, que foi campeão nacional no ano passado e, atualmente está lutando pelo título, pelo bicampeonato, muitas vezes, já foi nossa capa. E vai ter esse destaque porque está competindo em alto nível. Há esportistas locais que não tem esse destaque ainda, mas que acreditamos que possam ter. Então, muitas vezes, fazemos matérias sobre as revelações que estão começando a carreira. Agora mesmo, há pouco tempo, fizemos matéria sobre o sobrinho do Tranquilini (ex-judoca) que é saga dos Tranquilinis. Trata-se de um novo atleta que está pintando. Muitas vezes, pegamos os novos como do atletismo, um esporte que tem tradição em Brasília, para mostrar que está tendo uma renovação ou que não está havendo essa renovação ou até mesmo que faltam pistas de atletismo em Brasília. Então, tudo vai depender realmente da noticiabilidade do fato. É claro que campeonatos de escola e internos de clube não vão ter destaque, não serão cobertos até porque o Correio Braziliense é um jornal de referência nacional, um jornal que tem um carinho pelas coisas da cidade, mas ele não pode ser confundido com um jornal provinciano. A gente está aberto a receber esse tipo de informação, mas eles não terão destaque. A nossa agenda esportiva está aí para isso, para noticiar os eventos da cidade, os eventos de menor nível e menor atratividade. Mas ela (agenda esportiva) existe para contemplar os eventos.

Na editoria, há repórteres exclusivos para cobertura do futebol candango. Há repórteres exclusivos para cobertura das outras modalidades?

PR: A gente tem quatro repórteres, então não é uma equipe grande. Dois cobrem o futebol candango, mas são repórteres que podem fazer outras matérias nacionais, pegar o telefone e entrevistar pessoas de fora, podem viajar e fazer matérias nacionais. E, para o esporte local, há dois repórteres voltados para esportes amadores. Há um equilíbrio. Esses dois repórteres, obviamente, fazem uma divisão de quais os esportes eles vão cobrir. Nós temos a Eneila (Reis), que fica com automobilismo e natação, e o Luizinho (Luiz Roberto Magalhães), que fica mais com basquete e tênis. E assim por

diante. Enquanto o Roberto Naves e o Renato Freire (entrou no lugar do Daniel Brito) ficam com o futebol.

Você acredita que ter metade da equipe só para futebol limita a cobertura local?

PR: Se houvesse a possibilidade de ter mais repórteres, com certeza eles seriam direcionados para o esporte local amador. Mas não posso tirar esses dois repórteres da cobertura do futebol local porque temos sempre dois times que estão sempre em competições nacionais: o Gama e o Brasiliense. Portanto, o dia-a-dia desses dois clubes exige dois repórteres para a cobertura. Brasiliense e gama já estiveram na Série A do campeonato nacional, então não posso abrir mão de cobrir esses dois times. Obviamente, se tivesse oportunidade de aumentar a equipe, o esporte amador seria contemplado com uma maior cobertura.

Nós temos aqui em Brasília uma deficiência de sites e agências esportivas voltados para a cobertura do esporte local. Como vocês têm acesso às competições e aos novos atletas que estão começando?

PR: A maioria das federações esportivas em Brasília não é muito organizada. A gente se ressentia de não saber de muitas coisas, se a federação tivesse avisado sobre competições e atletas que estão se destacando. A gente tem que contar com nossos repórteres. Eles devem estar sempre bem afiados, sempre em contato com os atletas, com as fontes, saindo às ruas, fazendo matérias e, com isso, criam uma rede de fontes, visando à sugestão e indicação das coisas que estão acontecendo e atletas que estão se destacando na cidade. Por meio de telefone, sugestões, e-mails. Boa parte delas (sugestões de informações) a gente vai atrás confirma, ver o que é notícia de importância e com isso ampliamos a cobertura.

Durante o período analisado todas as edições apresentaram matérias sobre o esporte local. Mas elas não chegam nem a metade do total produzido pelo caderno, sendo o destaque dado aos times de futebol do eixo Rio - São Paulo. O que seria necessário para ampliar a cobertura?

PR: Uma coisa que precisava aumentar era o número de competições em Brasília. Nós vemos muitas federações que não realizam muitas competições durante o ano, o que nos leva a não ter uma cobertura tão diversificada assim. Em momentos em que há um tipo de calendário mais carregado, a gente sempre vai fazer. Temos muitas dificuldades nos finais de semana porque temos poucos repórteres. No dia 21 de abril, todas as federações pegam o dia para realizar suas competições sendo que, em outros fins de semana não tem nada. No feriado, tínhamos mais ou menos 10 atividades acontecendo na cidade. Obviamente não teríamos repórteres para cobrir tudo. Então noticiamos na agenda esportiva vários resultados e notinhas. Não dava para cobrir tudo ainda mais que a gente tinha a competição organizada pelo próprio Correio (2ª Maratona Brasília de Revezamento). Então a gente tenta nos fins de semana noticiar todas que temos acesso e que sabemos, e selecionamos algumas para cobertura. Para aumentar, tanto nós teríamos que aumentar nossa estrutura quanto o esporte de Brasília precisaria ampliar seu calendário de competições importantes durante o ano.

Em 2003, o caderno de esporte trazia além das quatro páginas diárias uma edição tablóide de 16 páginas. Uma exigência do leitor que pedia mais espaço para cobertura

do esporte. Você acha que a cobertura mudou aumentou ou foi reduzida ao longo do tempo?

PR: Aumentou com certeza. Em 2003, eram pouquíssimas páginas por dia, às vezes, não chegavam nem a quatro. Eram duas e meia, era muito ruim. E às segundas, tínhamos um tablóide, equivalente às oito páginas de standard que temos hoje. Hoje raramente reduzimos para seis páginas, só quando acontece algum fato muito importante que o jornal precisa de mais espaço, mas isso muito dificilmente. Hoje são oito páginas diárias, o que seria o mesmo espaço que eu tinha em 2003 às segundas. Então o espaço para o esporte aumentou consideravelmente. Foi um ganho para o esporte e para o leitor que sempre exigiu isso. Sempre recebíamos e-mails, telefonemas, muita crítica. Não tinha como cobrir em uma, duas páginas e meia notícias de esporte local, nacional e internacional. E projeto gráfico do Correio Braziliense ainda exige duas matérias por páginas, o que exige espaço para curtas. Realmente era muito ruim naquela época. Hoje temos oito páginas e temos hoje o portal do Correio Braziliense que dá vazão para a gente usar essa coisa multimídia, diversificar a cobertura para que, o que a gente não cobrir na página impressa, esteja à disposição do internauta.

Pelas pesquisas de leitor dá para perceber se ele realmente acompanha o esporte local ou a falta de acompanhamento seria mais uma barreira que você encontra para noticiar o esporte local?

PR: É difícil a gente receber e-mail de pessoas criticando a gente por não termos coberto uma competição de esporte amador local. Às vezes, a gente recebe e-mail, mas é do pai e do familiar do menino que estava competindo. O leitor médio reclama muito quando não damos notícia do Flamengo ou que o espaço para a Fórmula 1 está pouco. O leitor está muito mais na esfera nacional. Acho que isso é uma característica que dificultaria um maior espaço que não seja o do futebol. Mas ao mesmo tempo em que você oferece uma cobertura de qualidade de esporte local o leitor gosta. Caso Rebeca, por exemplo, é polêmico, o leitor gosta. É um atleta de Brasília que se destacou no Pan-Americano. Uma revelação de esporte que você conta a história dela. Uma menina pobre de Ceilândia que chega e ganha uma competição de atletismo ou de patinação, o leitor gosta. É só a gente vê as matérias de Cidades do Marcelo Abreu, matérias humanas, de histórias, que o leitor adora. O leitor se vê ali e a se aproxima. Cabe nós ter a competência para garimpar isso e colocar nas páginas do jornal e da internet e tentar modificar um pouco. É difícil porque o leitor médio sempre vai querer aquele cosia da competição importante, do nacional e com mais repercussão. É a visão majoritária do leitor.

Você acha que isso é uma característica específica/peculiar de Brasília?

PR: O que temos diferente de outros estados é que se o jornal O Globo e o Jornal do Brasil não colocar nada de futebol paulista, para o carioca está tudo bem. Eles têm quatro times grandes na cidade deles e eles não vão se interessar pelo futebol paulista. Na Folha de S. Paulo, outros estados são notinhas e olhe lá. A final do campeonato carioca entre Flamengo e Botafogo mereceu uma tripinha de 20 centímetros, na última edição de domingo da Folha. E o leitor de São Paulo não vai reclamar porque o que ele quer é ver notícias do São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos. Essa característica nossa é um complicador, mas é enriquecedora. Isso faz com que o leitor de Brasília

seja mais a antenado, com uma cultura esportiva mais rica que os de São Paulo e Rio de Janeiro. Outros jornais não têm a obrigação de cobrir os outros estados que nós temos. O nível internacional, tudo bem. Eles cobrem bem também. Mas cobertura de outros estados, a gente aqui em Brasília tem essa característica, essa obrigação.

Você como editor exerce a figura e função do gatekeeper. É o responsável por fazer a seleção e filtragem das matérias. Quais os critérios profissionais que você utiliza para exercer a função e como lida, diariamente, para não deixar os gostos pessoais interferirem na edição?

PR: Eu adoro futebol americano. Quando começa a temporada em setembro, eu vejo até o Super Bowl (Campeonato de Futebol Americano). Meu filho também adora. A gente fica até de madrugada assistindo. Mas eu não dou uma nota de futebol americano, porque eu sei que eu faço parte de um grupo muito específico de um nicho muito específico de pessoas que gostam de futebol americano. Então não vou dar páginas e páginas de futebol americano. Mas a gente deu uma matéria sobre o futebol americano do time de Brasília que disputou o quadrangular. É uma matéria interessante com uma infografia para as pessoas entenderem as regras do jogo. Mas eu não sou louco de cobrir as negociações do futebol americano. Não é da cultura do brasileiro. Ao mesmo tempo, todas as pessoas que trabalham na editoria de esportes têm suas preferências. Mas nunca, jamais podemos colocar isso na página do jornal. A cobertura de esportes abre uma janela interessante para textos mais passionais, mais fora do padrão de jornalismo que vemos em Economia e Política. O próprio repórter, se colocar uma carga de emoção no texto, fica mais interessante de ser lido. Mas nunca deve passar a opinião. Não é porque sou flamenguista ou vascaíno que eu vou puxar sardinha pro time. Isso é totalmente fora do jornalismo. Você pode em um artigo assinado, em uma coluna externar uma e outra opinião, mas na matéria em si, não. Cada um tem sua opinião política e as preferências e quando escrever vai esquecer isso e fazer jornalismo como se tem que fazer.

Como você avaliar a cobertura do esporte local em Brasília?

PR: Suficiente não é de forma nenhuma. Mas pela quantidade de repórteres e da estrutura que temos. Fazemos uma cobertura legal. O Correio é um dos jornais do Brasil que mais dá espaço para esporte amador. A gente não vê isso em Globo ou Folha e nos demais jornais nacionais. O Correio tem tradição nesse tipo de cobertura. A gente tenta dar duas três páginas por dia. Tem dia que há muito anúncio, várias competições nacionais que acabam reduzindo o número de páginas para uma só. A minha intenção é ter duas três páginas das oito para esporte amador. Acho que a gente faz legal isso até em nível nacional. Agora é claro que precisaríamos aumentar o número de repórteres para aumentar a cobertura até para fazer cadernos especiais e diversificar produtos. A gente acaba ficando só com suplementos de Campeonato Brasileiro, Fórmula 1, Olimpíadas, Pan-americano e de Copa do Mundo.

Falta concorrência para estimular uma maior cobertura?

PR: A gente tem um bom jornal aqui em Brasília que é o Jornal de Brasília em termos de esportes, O Torcida. É um jornal muito bem feito. Mas é um jornal que passa por

muitas dificuldades. Então lá, eles têm que matar um leão por dia para fechar uma tablóide de 16 páginas, correspondente ao nosso standard de oito páginas que nós temos hoje. Só que eles fecham com uma equipe bem mais reduzida que a nossa. Mas também é muito direcionado para o futebol. Dá muito bem noticiários das agências, a gente não tem tanto esse espaço para isso até porque temos muito anúncios nas páginas. Então, o espaço para as notícias nacionais é muito maior. Mas também acho que o Jornal de Brasília não consegue fazer uma cobertura ampla de esporte amador em Brasília, não é eficiente. Leio o jornal todos os dias por obrigação profissional e, claro, por ser um jornal muito bem feito. Mas é um jornal com dificuldades que a gente não vislumbra uma evolução na cobertura. Mas não é só questão de esportes. O mercado de Brasília é falho em termos de jornalismo porque a gente só tem um grande jornal, uma empresa sólida, um jornal que investe e tem visão de futuro. O Jornal de Brasília está mal das pernas e o Tribuna do Brasil faz parte de jornais que não podemos creditar que deles sairão muita coisa. É uma cidade com várias sucursais como Zero Hora, até jornais nordestinos e de outros jornais mineiros. Mas não tem pujância de jornalismo que a cidade mereceria por ser uma cidade antenada que tem uma sede de cultura e de jornalismo grande, com uma classe média muito forte. Ao mesmo tempo somos uma cidade que não temos um parque industrial. Isso acaba revertendo para todos os lados, pouco investimento em empresas, em esportes. Vemos dificuldade de brasilienses para arranjar patrocínio e por isso estão indo para Rio, São Paulo, para outros estados. Então, isso acaba prejudicando o meio jornalístico, o esporte em particular e acaba fazendo com que a gente não tenha em Brasília uma concorrência que permita que você tenha que correr atrás. O Correio sempre corre atrás por ser um jornal de referência nacional, com uma estrutura nacional. E por ter uma visão para se solidificar e ser mais acessado na internet. O Correio tem um bom concorrente que é ele mesmo se superar. Se comparado com a estrutura de outros jornais como O Globo, o jornal já fez muita coisa e está sempre buscando mais.

Entrevista B

AQUI DF

Entrevista com o editor Leonardo Meireles, realizada e gravada em 29 de abril de 2008, às 16h, na redação do jornal.

1ª parte: perfil do profissional

Vamos começar fazendo um perfil do profissional Leonardo Meireles. Como surgiu a idéia de seguir nessa profissão? Teve alguma influência, algum gosto pessoal?

LM: Hoje em dia se você chegar a todas as faculdades vai ter muito mais gente que gosta de esportes. Quando me formei, não tem muito tempo (96/97), não tinha muita gente interessada na área de esportes. Pintou um estágio na editoria de esportes do Correio Braziliense e era difícil ter espaço. Em um período de 10 anos, a editoria teve três estagiários, de tão difícil que era para entrar.

Por causa da rotatividade?

LM: Nem tanto pela rotatividade. Mas é porque eles realmente não abrem espaço. Ou você é repórter ou editor, não tem muito esse lance de estagiário.

Mas foi o primeiro estágio?

LM: Primeiro estágio na área de esportes eu não sei. Mas eu acho que não. Mas assim para serem três estagiários em um período de dez anos, é bem difícil. Se não me engano, o estagiário anterior a mim tinha sido o Paulo Rossi ou era o irmão dele, o Marcos Rossi, que trabalhou aqui durante muito tempo. E aí chegaram na faculdade perguntando quem tinha interesse em esportes. Da minha turma, eu era o único que sabia um pouco mais sobre nomes de times, times estrangeiros, acompanhava os times. Acabei entrando para fazer placar aos domingos. E só depois peguei outras partes que fora o futebol. Apesar de ter feito bastante cobertura de futebol local, Gama e Brasiliense. Depois que me formei, eu cobria menos futebol que outros esportes. Isso é legal nessa área. Eu era especializado em Judô e artes marciais em geral. Saltos ornamentais, que aqui no DF é muito forte. Comecei em esportes, mas escrevia bastante também para a área de Informática, sobre games. Fiz algumas matérias para Turismo, para Cidades. Na verdade, escrevi para todas as áreas do jornal, inclusive, economia, que é uma das áreas mais herméticas. Sou muito católico. Na parte de política, por exemplo, fizemos uma matéria especial sobre catolicismo e a ditadura militar.

Quanto tempo de profissão?

LM: São 12 anos de profissão. Comecei como repórter, depois coordenador de esportes, embora não tinha esse cargo. Acabei criando esse cargo. Sai de lá, trabalhando como subeditor. Depois, cobri as Olimpíadas de Atenas, em 2004. Essa foi a melhor experiência nesses 12 anos. Essa e o AQUI DF foram as melhores experiências. Depois vim para o AQUI. O jornal é uma editoria grande, não é bem um jornal. É como se fosse uma editoria grande, tudo mais compacto. Aqui eu fecho desde Opinião, a capa, Geral, Lazer, Esportes. Fim de semana então, eu só fecho Esportes.

Pratica algum esporte atualmente?

LM: Praticava Judô há um tempo atrás e natação também. Mas eu dei uma parada por um problema no ombro. Estou tentando voltar, ainda mais agora que eu melhor, eu fiz fisioterapia.

E o que você gosta de assistir?

LM: Muito futebol e esportes mais alternativos, que era mais a minha área. Skate, bike. Tudo o que eu não gosto de chamar de esportes radicais. Gosto muito de Judô. Já pratiquei e sempre que tem competição, eu assisto.

Torcedor de qual time?

LM: Botafogo.

2ª parte: edição

Apresentação inicial sobre o objeto de pesquisa.

Quais os critérios de noticiabilidade que você usa diariamente para noticiar o esporte local?

LM: O AQUI DF se baseou muito em pesquisa. Quando a gente começou em 2006, durante o mês de janeiro inteiro foram realizadas pesquisas para saber o que o leitor queria. Eles pediam muito esportes. Em especial, futebol. Infelizmente, eu acho, eles não pediam tanto local. Mas ai também é o seguinte. Tinha uma época no Correio Braziliense que as pessoas não pediam muito matérias de educação. E ai você pensa: "Ah, eles não se interessam muito". Mas ai, um editor resolveu começar a dar um espaço maior para educação. A curiosidade, a vontade do leitor foi crescendo por educação. Se a gente der mais, eles vão querer mais. Mas no geral, eles querem futebol. Nem tanto o futebol daqui. Pelo menos na pesquisa não ficou claro que eles queriam tanto. Então, o que eles querem para um jornal de leitura rápida e fácil, é que seja uma coisa mais geral. Se for falar de uma alguma esporte que não seja futebol, que tenha uma coisa muito importante. Por exemplo, um título mundial de Judô do Brasil ou um título mundial de atletismo. Algo que seja factual, forte. Ainda tem as histórias humanas, sobre um atleta que se destacou na Ceilândia. Mas isso fica mais na parte de Cidades. A parte de Esportes é sempre notícias factuais.

Você não acredita que seja contraditório um jornal popular ser voltado para a esfera do nacional?

LM: Exatamente. Esse é um questionamento que eu fiz quando recebi a pesquisa. E por isso fico me perguntando: se a gente não der de repente eles não vão querer mais? Na verdade, no começo a gente dava matérias locais. Na pesquisa de resposta, eles não mostraram que queriam notícias da cidade. Mas isso não quer dizer que eles não queiram o futebol daqui. Futebol daqui eles pedem. Se a gente não dá, eles ligam pedindo, mandam e-mail. Quer notícia principalmente do Gama e do Brasiliense. Não tanto quanto eles pedem Flamengo. Se um dia a gente não der notícia do Flamengo, isso lotaria nossa caixa de e-mail. Isso acontece principalmente com times do Rio, Corinthians também. Nem que seja uma notinha de outros times de Minas, nordeste do

Sul, a gente tem que dar. Se sair uma notinha, não tem problema. Mas a gente tem que dar. Até porque esse é um objetivo do jornal.

Então, o critério usado para agendar esporte local seria a importância do evento?

LM: Exatamente.

Nem tanto a proximidade?

LM: Não. Mesmo porque a gente dá essa parte humana. A gente deu recentemente uma história de atleta de Sobradinho em Cidades, só não damos na parte de Esportes. A parte mais humana, quando não importa tanto o resultado. O lance é contar a história dele. Para mostrar para a população: "Olha, esse atleta saiu da mesma cidade de vocês e está fazendo sucesso". A parte de esportes é mais factual. Geralmente quando tem campeonato candango, a gente dá um abre de página para a notícia. Mas mesmo agora que acabou o campeonato, vamos dar notinhas sobre Gama e Brasiliense, até porque eles estão se preparando para a série B. A gente não deixa de dar. É muito difícil.

Durante o período analisado, todas as edições do Correio apresentaram matérias sobre esporte local. No entanto, em três dias, o AQUI não noticiou sobre o esporte local. Quais os critérios foram usados?

LM: Tem que ver exatamente o dia que foi. Se foi uma quarta-feira em que estava cheio de outras competições, como o campeonato carioca, e se a edição estava cheia com muito anúncio, a gente tem que deixar de lado. O jornal é muito pequeno. A gente tem que ver a importância da notícia. Se for para falar que o meio campo do Gama não está definido para o final de semana, eu não sei até que ponto isso é importante para o leitor em um jornal desse tipo. Em um jornal como o Correio, que é maior, eles podem destrinchar esse tipo de assunto. Vale a pena. Mas apesar de ser popular, a gente tem que jogar com a questão do espaço. E não necessariamente eles (leitores) ligaram no dia seguinte para reclamar. Mas provavelmente foi por causa do espaço, não tinha informação tão forte. Se fosse algo do tipo: "Brasiliense acaba de contratar o Ronaldinho Gaúcho", provavelmente seria manchete. Mas se for para falar do meio de campo não está definido para o fim de semana, isso provavelmente vai cair.

Equipe de produção, o AQUI DF só tem para Cidades?

LM: A princípio só temos para Cidades. Mas se eu precisar que o estagiário de Cidades faça matéria sobre alguém de destaque do esporte da cidade, ele faz. Agora de esportes mesmo, em dois anos, a gente só deve ter assinado uma matéria, duas, que a gente fez especificamente para o local. A outra coisa que fizemos foi uma matéria de serviço mostrando onde assistir o Campeonato Brasileiro em bares da cidade. Duas matérias de produção própria. A gente não tem equipe. O que a gente tem é o subeditor Gustavo que cuida da área de esportes. Ele faz mais a edição. A parte de esportes depende mais de agência e do Correio Braziliense.

No mesmo dia que o Correio deu matérias sobre outros esportes como atletismo, esporte popular em Brasília, o AQUI DF não noticiou. As outras modalidades de esportes tendem a ficar fora da edição por causa da falta de espaço?

LM: Tendem a ficar por último. É uma coisa que a gente dar mais espaço era para notícias sobre corridas de ruas que é um esporte muito popular na cidade. A gente tem tentado fazer esse tipo de coisa. Mas é difícil pela falta de espaço. Mas em Janeiro é uma época que o Correio vende menos e tem menos anúncio e o AQUI DF vende mais e tem mais anúncio. A gente não sabe porque isso acontece. Ai realmente falta espaço e com base na pesquisa, tiramos esporte local porque não é tão chamativo para o público e damos mais notícias de outros clubes de futebol. Quando tem espaço, a gente dá. Não foi o caso desse período, mas com certeza não é prioridade. Eu queria muito dar mais espaço, ainda mais porque cobri outras modalidades além do futebol. Mas a falta de espaço realmente me deixa mais limitado para dar mais futebol. Eu sinto falta e acho que a gente deveria dar mais. Mas quem sabe em um futuro próximo, quando a gente aumentar o número de páginas - aliás há um projeto para aumentar o número de páginas para 32 - a gente possa dar mais espaço. Eu acho muito importante e tem leitura para isso. Pode ser que não sejam que nem o futebol. Pode ser que não seja a mesma coisa quando a gente dá notícia sobre o Flamengo, que a gente pode vender 2 mil exemplares a mais, mais podemos vender cinco exemplares a mais, e vamos atingir a população que é o que a gente quer.

Você acredita que o jornal, na área de esportes, está mais preocupado com a questão comercial do que o compromisso com o social?

LM: Pelo menos na parte de esportes sim. E isso em qualquer jornal. Até é uma válvula de escape isso que a gente faz de noticiar histórias de atletas, só que na parte de Cidades. Mesmo essa parte social do esporte, mesmo na televisão, vem uma parte econômica muito forte por detrás. Quando você fala de um projeto que está sendo feito no interior do Piauí com crianças, pode ter certeza que vai ter por trás uma pressão comercial muito forte, seja por parte da prefeitura ou de alguma empresa que queira mostrar a sua preocupação com o lado ambiental, visando a sua imagem. São muito legais os projetos, mas seria muita ingenuidade da nossa parte achar que não tem nada por detrás disso. E isso reflete na área de esportes.

Nem todas as edições do AQUI apresentaram notícias sobre esporte local durante o período analisado. No entanto, todas as edições apresentaram uma seção destinada ao esporte internacional. Faz parte do interesse do leitor local?

LM: Sim. Mesmo não tendo muito acesso à internet, TV a cabo. Eles se interessam porque tem muito brasileiro lá fora. Vende muito mais jornal. Tirando totalmente a ingenuidade, vende muito mais jornal um Ronaldinho Gaúcho ou Ronaldo na capa do que outras coisas que a gente coloca. Na pesquisa, por exemplo, você tinha duas personalidades que a população queria ver na capa. Em primeiro lugar feminino, apareceu Juliana Paes e primeiro lugar masculino, apareceu Ronaldinho Gaúcho. Mesmo ele sendo um astro internacional, o cara que está no bar todo dia, não assiste a todos os jogos do Barcelona, mas ele acompanha que o Ronaldinho fez um gol. Para eles, isso é importante. É uma paixão muito grande pelo futebol que o brasileiro tem. Seja jogado na Ceilândia ou na Índia. É uma paixão muito grande para ser deixada de lado. E obviamente, a gente aproveita para vender mais apostando nesses ícones do futebol.

Você como editor exerce a figura e função do gatekeeper. É o responsável por fazer a seleção e filtragem das matérias. Quais os critérios profissionais que você utiliza para exercer a função e como lida, diariamente, para não deixar os gostos pessoais interferirem na edição?

LM: Isso depende da repercussão. Ainda mais nós de uma jornal formador de opinião - não nessa parte de esportes e sim, em cidades- a gente reflete muito o que aparece na televisão e na mídia de um modo geral durante o dia. Por exemplo, como não dar a notícia que de Ronaldo se envolveu com os travestis? A gente tem uma agenda-setting, uma tendência geral a seguir o que vimos durante o dia todo. Primeiro critério que usamos é se tem competição. Hoje tem Copa do Brasil, vai entrar. Tem Liga dos Campeões na Europa, por mais que seja na Europa, vai entrar na edição. Tem os times do Barcelona e do Manchester United que são times de expressão e que os leitores gostam de ler, apesar de serem times europeus. Então é prioridade. Se não tiver nada mesmo acontecendo, em uma sexta-feira que não aconteceu nada, vamos pegar as notícias de mais importância nas agências. Por exemplo, não tem competição nenhuma e temos o Joel Santana indo embora do Flamengo para trabalhar na África do Sul e o Castilho, goleiro do Botafogo, dizendo que não vai jogar até o próximo mês. Assuntos bem fortes. O Castilho foi uma das principais contratações do Botafogo. Estou falando do Botafogo porque eu torço para esse time. Mas a saída do Joel para ir para uma seleção nacional, que vai disputar uma próxima Copa do Mundo, é mais importante que a notícia do Botafogo. Apesar de eu ser botafoguense, eu sei muito bem colocar a matéria do Flamengo. Em compensação, se não tivesse nada no Flamengo e só a notícia do Botafogo, ela entraria. A gente tenta ver a prioridade do factual e em segundo, uma coisa que tenha acontecido de importante, fora do factual. Factual que eu falo são jogos e competições, prioridades das edições.

Existe um projeto para aumentar o número de páginas do AQUI. Se aumentar o número, tem a possibilidade de aumentar a cobertura de esporte local ou as páginas extras serão repassadas para alguma outra seção?

LM: Pode aumentar para esportes porque é um dos carros-chefe do jornal, sem sombra de dúvidas, é a parte mais lida do jornal. É uma tendência. Para isso, a gente precisaria um repórter para a cobertura, o que não temos por enquanto. E nós dependemos muito da cobertura do Correio Braziliense. Se o Correio cobrisse alguma coisa sobre esporte local, a gente aproveitaria com certeza. Seria uma tendência muito forte, se tivéssemos um maior número de páginas.

Extras

Você não acha contraditório que o Correio Braziliense, voltado para um público A e B, tenha mais espaço para esporte local. Em todas as edições, o jornal apresentou matérias sobre esportes da cidade, sendo que o mesmo não aconteceu em todas as edições do AQUI, voltado para o público local?

LM: Se a gente tivesse mais espaço, a gente daria uma maior cobertura. Mas se a gente tirar de outras partes vai faltar em Cidades e Polícia, que não podemos deixar de fora. A gente já diminui a parte de Geral. A parte de Lazer é muito engessada. O jornal todo é muito engessado. Não dá para você ter essa maleabilidade. Lá no Correio ainda era pior. A parte de Esportes era junto com a de Cidades. Seis eram de Cidades e quatro de Esportes. Agora mudou.

Você trabalhou na época em que o Correio trazia às segundas uma edição tablóide?

LM: Trabalhei sim. Era muito legal. A gente dava muito mais espaço para esporte local. Tinha por exemplo duas páginas centrais em que cada semana, um repórter ficava responsável para fazer alguma matéria especial. Eu fiz muita matéria especial com atletas da cidade. Fiz como era a preparação de um atleta paraolímpico, mostrando o quadro de treinamento dele. Época muito legal que tinha esse espaço. Não era diário, mas você tinha espaço destinado à cobertura

9 Apêndice

Questionário A:

Correio Braziliense - caderno de esportes

Editor: Paulo Rossi

1- Quais os critérios de noticiabilidade adotados para agendar as diversas modalidades do esporte local?

2- Qual o critério para que o esporte local seja a capa do caderno ou ganhe destaque?

3- No caderno de esportes, há repórteres que cobrem exclusivamente o futebol candango. Há jornalistas exclusivos também para a cobertura das demais modalidades? Ou os outros esportes são pautados, previamente, de acordo com seus respectivos calendários de competições?

4- O voleibol brasileiro tornou-se o segundo esporte mais praticado e mais popular no Brasil ficando atrás, somente do futebol, de acordo com dados do IBOPE 2007. Assim como esse esporte, outras modalidades como natação e tênis contam com números altos de praticantes na cidade. No entanto, durante a análise, notou-se que somente o futebol tem um acompanhamento diário. Quais os motivos que fazem com que o outros esportes não tenham acompanhamento diário?

5- Durante a análise do dia 19 a 26 de janeiro, todas as edições do caderno apresentaram matérias sobre esporte local. Em média, as edições apresentaram de duas a quatro matérias em uma total de 10 matérias, que vão desde nacionais a internacionais. O que seria necessário para aumentar a cobertura local?

6- Em 2003, o caderno de esportes trazia, além das quatro páginas diárias, uma edição tablóide de 16 páginas, ampliando a cobertura. Na época, o subeditor Marcos Pinheiro, disse "que as modalidades amadoras praticadas em Brasília também terão matérias produzidas diariamente no jornal". Você acredita que hoje a cobertura continua como em há cinco anos ou ela foi ampliada ou reduzida? Por quê?

7 - O editor é um gatekeeper, responsável pela seleção e filtragem das matérias. Quais os critérios profissionais que você usa para exercer a função e como lida, diariamente, para não deixar os gostos pessoais influenciarem a edição?

Questionário B
AQUI DF
Editor: Leonardo Meireles

1- Quais os critérios de noticiabilidade adotados para agendar as diversas modalidades do esporte local?

2- Qual o critério para que o esporte local seja a capa do jornal? Durante a análise das edições do dia 19 a 26 de janeiro, apenas uma matéria foi capa.

3- No caderno de esportes, há repórteres exclusivos para a produção de pautas de esportes ou as edições são feitas com base nas matérias produzidas pelo Correio Braziliense?

4- Durante a análise do dia 19 a 26 de janeiro, todas as edições do Correio Braziliense apresentaram matérias sobre esporte local. No entanto, em três dias analisados, o AQUI DF não noticiou tais matérias sobre o esporte local, nem fez a mesma cobertura diária sobre o futebol candango feita pelo Correio Braziliense. Neste caso, qual o critério utilizado durante as edições?

5- O AQUI DF é um jornal popular e voltado para o público local. No entanto, durante os dias em que o Correio Braziliense noticiou matérias sobre o esporte local como Hipismo e corridas de rua, o jornal não noticiou tais assuntos. Mas em todas as edições é possível encontrar matérias sobre futebol nacional e outros esportes internacionais. Quais os critérios utilizados neste caso?

6- O editor é um gatekeeper, responsável pela seleção e filtragem das matérias. Quais os critérios profissionais que você usa para exercer a função e como lida, diariamente, para não deixar os gostos pessoais influenciarem a edição?

Nome: Aqui DF						
Objeto: Esporte local						
Período	Se há ou não matéria:		Local da página		Característica	Foto
	ausência	presença	alto	baixo		
19/jan		x		x	4,5X12	sem
		x		x	4x8	sem
		x	x		17x20	Cadu Gomes CB
20/jan		x	x		Página inteira	Cadu Gomes
		x	x		-	Cadu Gomes CB
21/jan		x	x		20x24	6x21,5 Edilson Rodrigues CB
		x		x	20x8	não
22/jan	x		x		-	-
23/jan	x				-	-
24/jan	x				-	-
25/jan		x	x		24x16	9,5x8,5 Cadu Gomes CB
26/jan	x				Meia página	Foto média Cadu Gomes CB
	x			x	4,5x8,5	sem

Figura1 – Tabela de análise Aqui DF

Nome: Aqui DF					
Objeto: Esporte local					
Período	Perquisado	Título	Chamada de capa	Sutiã	Página
19/jan		Universo vence longe da capital	Não	Não	16
		Julgamento de Rebeca em março	Não	Não	17
		Jacaré nas cabeças	Não	Sim	18
20/jan		Jacaré contra a reca	Sim	Sim	18
21/jan		Quanto desperdício	Sim	Sim	21
		Legião leva 2.350 seguidores	Não	Não	21
22/jan		Sem matéria		-	-
23/jan		Sem matéria		-	-
24/jan		Sem matéria		-	-
25/jan		Veterano aos 28 anos	Não	Sim	17
26/jan		Poderia ser pior	Sim	Sim	18
		Marilson vende prova em sampa	Não	Não	17

Figura 3 – Tabela de análise Aqui DF

Nome: Aqui DF
Objeto: Esporte local

Pesquisado	Elemento Gráfico	Assinatura	Esporte		Quantidade		
19/jan	não	não		basquete	3	13	8
	não	não		natação			
	não	não	futebol				
20/jan	Tabelas/escalação	não	futebol		1	12	9
21/jan	escalação	não	futebol		2	11	8
	escalação	não	futebol				
22/jan	-	-	-		0	13	6
23/jan	-	-	-		0	14	6
24/jan	-	-	-		0	13	5
25jan	Não	Não	Futebol		1	16	0
26/jan	Não Não	Não	Futebol	Atletismo	2	15	6

Figura 4– Tabela de análise Aqui DF

Nome: Correio Braziliense						
Objeto: Esporte local						
Período Pesquisado	Se há ou não matéria:		Local da página		Característica	Foto
	ausência	presença	alto	baixo	Espaço(cm)	Crédito/cm
19/jan		x	x		21,5x27 cm	10,5x11,5 José Varela arquivo/CB
				x	7x9	sem
20/jan		x	x		21,5x39,5	10,5x15 Cadu Gomes CB
		x		x	22,5x16	sem
		x		x	7x8,5	sem
21/jan		x	x		30x54	29,5x19 Cadu Gomes CB
		x			29,5x30	17,5x11 Edilson Rodrigues
		x		x	29,5x20	11,5x16 Edilson Rodrigues CB
		x	x		29x16,5	11,5x16 Agencia/especial para CB
22jan		x		x	29x16,5	CB
		x	x		21x30	CB
		x	x		-	CB
		x	x		29,5x31,5	23,5x16,5 CB
23/jan		x	x		21,5x33,5	21,5x14 CB/arquivo
		x		x	21,5x16	10x7,5 GDF
		x	x		24x 18	7x9 CB arquivo
		x	x		21,5x32	15,5x14,5 Cb arquivo
24/jan		x		x	nota	sem
		x	x		29,5x25	20x22 CB
		x		x	19,5x19,5	13,5x9 Agência Estado
		x		x	6,5x5	sem
25/jan		x		x	7x7,5	sem
		x		x	6,5x8,5	sem
		x		x	6,5x7,5	sem
		x	x		21,5x33,5	10,5x16,5 Cadu Gomes CB

Figura1 – Tabela de análise Correio Braziliense

Nome: Correio Braziliense					
Objeto: Esporte local					
Período Pesquisado	Título	Chamada de capa	Capa caderno	Sutiã	Página Número
19/jan	Jacaré na cabeça	não	não	Sim	34
	Brasiliense está na final de Cáli	não	não	Não	34
20/jan	Todos contra um	não	não	sim	39
	Boca livre no Mane Garrincha	não	não	não	39
	Candango bicampeão na Colômbia	não	não	não	39
	Da seleção para a legião	não	não	sim	40
21/jan	Legião de fãs e boa média de publico no DF	ñ		sim	23
	Sufoco dos grandes		não não	sim	23
22/jan	Início Perfeito		não sim	sim	29
	Mudança de Rota		não sim	não	29
	Boletim disciplinar		não não	sim	31
	Universo joga na sexta-feira		não não	Não	-
23/jan	Cavaleiros do futuro		não sim	sim	29
	Medo do alçapão		não não	Sim	29
	Brasília promove jogo festivo		não não	Não	GDF
24/jan	Dupla chance		não sim	Não	35
	Invasão de domicílio		não não	Sim	36
	ABC empossa nova diretoria		não não	Não	36
25/jan	Presente de grego		não não	Sim	33
	Adeus Dora Bria		não não	Não	33
	Taça Brasília em fevereiro		não não	Não	32
	Clube naval inaugura quadras		não não	Não	32
26/jan	Marilson vence prova em São Paulo		não não	Não	38
	Universo enfrenta o Uberlândia amanhã		não ñ	Não	38
	Missão diplomática		não não	Sim	39
	Cofres abertos		não não	Não	39

Figura 3 – Tabela de análise Correio Braziliense

Nome: Correio Braziliense

Objeto: Esporte local

Pesquisado	Elemento Gráfico	Assinatura	Esporte	Quantidade		
19/jan	Placar/pontuação	Roberto naves	Futebol	2	6	2
	Não	Não	Tênis			
20/jan	Escalação/esquema tático e serviço jogo	Roberto Naves e Daniel Brito	Futebol	4	6	1
	Escalação/ serviço/esquema tático	Sem	futebol			
	não	não	tênis			
	Quadro para saber mais	Luis Roberto Magalhães	Vôlei			
21/jan	Escalação/rodada	Roberto Naves	Futebol	2	9	1
	Escalação	Roberto Naves e Daniel Brito	Futebol			
22/jan	sem	Luiz Roberto Magalhães	Tênis	4	5	3
	sem	sem	atletismo			
	Classificação/rodada	Roberto Naves	futebol			
	Não	Não	basquete			
23/jan	Não	Eneila Reis	hipismo	3	7	2
	Não	Daniel Brito	futebol			
	Não	Da redação	Política esportiva			
24/jan	não	Eneila Reis	natação	3	8	2
	não	Roberto Naves	futebol			
	não	sem	Política esportiva			
25jan	rodada	Daniel Brito	futebol	4	5	3
	não	Da redação	windsurf			
	não	sem	futsal			
	não	sem	tênis			
26/jan	não	sem	atletismo	4	6	3
	não	sem	basquete			
	Rodada/serviço/esquema tático	Daniel Brito	futebol			
	não	Roberto Naves	política			

Figura 4– Tabela de análise Correio Braziliense

